

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

JOSÉ NILSON OLIVEIRA DOS SANTOS

A TEOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE HOJE A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

SÃO PAULO-SP

2025

JOSÉ NILSON OLIVEIRA DOS SANTOS

A TEOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE HOJE A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Dayvid da Silva.

SÃO PAULO-SP

2025

JOSÉ NILSON OLIVEIRA DOS SANTOS

A TEOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE HOJE A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de BACHAREL em
Teologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr. Dayvid da Silva – PUC-SP

A minha mãe (in memoriam) Eliete de Oliveira Maciel.

Às minhas irmãs, Daliane, Joana, Lucinda, Jacira e Maria Raimunda.

Aos meus irmãos, Edriano, Paulo, Ricardo.

Ao meu avô materno, Durval Maia (*in memoriam*).

A Santo Antônio Maria Zaccaria e à Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo.

A patrona de minha vocação, Santa Josefina Bakhita.

AGRADECIMENTOS

A todos que colaboraram para a realização deste trabalho, expresso minha gratidão, especialmente:

À Província Brasileira da Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo, na pessoa do Prepósito Provincial Pe. José Andraci Maria, por me fornecer os meios necessários para a realização dos meus estudos em Sagrada Teologia, a fim de tornar-me um servidor da Palavra de Deus e da Eucaristia.

Agradeço a minha mãe Eliete de Oliveira Maciel (in memoriam) e meus familiares por sempre me apoiarem e cuidarem de mim conforme as suas possibilidades. Agradeço pelas orações, pela educação que me deram, pelo sustento e pela ajuda material que sempre me proporcionaram, especialmente em minha caminhada vocacional.

Agradeço aos meus padrinhos e madrinhas pelas orações, amizade, contribuições que tem realizado em meu favor. Agradeço por acreditarem em mim principalmente nos momentos que eu duvidei do meu potencial.

Ao Professor Dr. Dayvid da Silva pela orientação deste trabalho e pelo apoio no desenvolvimento dos temas e assuntos abordados. Agradeço à Lucimara Lonaro Cardoso pela dedicação na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e em seu nome, agradeço a todos colaboradores.

Ao Pe. Vittorio Baderacchi, meu Padre-Mestre no Seminário São Barnabé, por proporcionar uma formação religiosa pautada pela espiritualidade, pelo afinco aos estudos e pela consciência de corresponsabilidade.

Ao Pe. Gentil José Soares, CM, que assumiu um papel de pai, irmão maior, diretor espiritual e amigo na minha vida. Me incentivou a permanecer firme, diante das crises na caminhada.

Aos Pe. Marino dos Reis Gonçalves e Pe. João Batista que sempre foram presentes em minha caminhada vocacional, espiritual e humana. Grandes amigos que souberam elogiar quando merecia e corrigir quando era necessário.

Aos meus padrinhos e madrinhas de oração por minha vocação, Diác. Francisco de Assis, Maria da Penha, Terezinha, Marisa, Maria Aparecida, Nilson Bernardo, Maria Afrosina, Fátima, Rita, Maria Alice, Maria Elena, Fabiana, Rosivania e Nair, agradeço por suas orações e suas ajudas materiais. Representam para mim uma parte importante de minha formação pessoal e são exemplos de amor e zelo, a Deus e aos irmãos. Aos meus amigos e que me apoiaram em minha caminhada vocacional, especialmente ao meu povo de Serra do Ramalho - Ba.

“Não que eu já tenha conquistado o prêmio ou que já tenha atingido a perfeição, mas prossigo em minha corrida para tentar conquistá-lo, pois eu mesmo fui conquistado por Cristo” (Garrigou-Lagrange, 2023, p. 227).

RESUMO

SANTOS, José Nilson Oliveira dos. **A Teologia da Espiritualidade Hoje a partir do Concílio Vaticano II.**

A presente pesquisa tem como objetivo estudar, compreender e analisar a Teologia da Espiritualidade contemporânea à luz do Concílio Vaticano II. Para isso, estabelece-se uma conexão com os escritos de alguns místicos e teólogos que vivenciaram e refletiram sobre o tema, bem como com documentos da Igreja que tratam dessa questão, em especial a Constituição *Gaudium et Spes* e o Decreto *Ad Gentes*. O principal intuito é despertar no leitor uma inquietação que o leve a questionar qual cristianismo está vivendo e se realmente tem experimentado a presença de Deus. Acreditamos que, ao longo da leitura, o público compreenderá a importância da espiritualidade em suas vidas e, a partir daí, buscará respostas sobre como vivê-la de forma profunda, sem desvincular-se da realidade à qual pertence.

Palavras-chave: Espiritualidade; Experiência; Teologia; Vaticano II; Vivência.

RESUMEN

SANTOS, José Nilson Oliveira dos. **La Teología de la Espiritualidad hoy a partir del Concilio Vaticano II.**

La presente investigación tiene como objetivo estudiar, comprender y analizar la Teología de la Espiritualidad contemporánea a la luz del Concilio Vaticano II. Para ello, se establece una conexión con los escritos de algunos místicos y teólogos que vivieron y reflexionaron sobre el tema, así como con documentos de la Iglesia que abordan esta cuestión, en especial la Constitución *Gaudium et Spes* y el Decreto *Ad Gentes*. El principal propósito es despertar en el lector una inquietud que lo lleve a cuestionar qué cristianismo está viviendo y si realmente ha experimentado la presencia de Dios. Creemos que, a lo largo de la lectura, el público comprenderá la importancia de la espiritualidad en sus vidas y, a partir de ahí, buscará respuestas sobre cómo vivirla de manera profunda, sin desvincularse de la realidad a la que pertenece.

Palabras clave: Espiritualidad; Experiencia; Teología; Vaticano II; Vivencia.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	12
COMPREENDER A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DA VIDA COTIDIANA AÇÃO.....	12
1.1 Introdução.....	12
1.2. Uma experiência de Cristãos com Cristo	14
1.3. Experiência do Propósito de Vida a partir de uma Espiritualidade	18
1.4. Uma experiência espiritual a partir da Reconciliação	20
1.5. Uma experiência espiritual a partir do cuidado	23
1.6. Uma experiência espiritual da Escuta e do Serviço.....	25
1.7. Uma experiência espiritual da vida em comunidade	27
Considerações parciais	28
CAPÍTULO II.....	31
INVESTIGAR A ESPIRITUALIDADE A PARTIR DA SOCIEDADE DO VAZIO	31
1.5. Introdução.....	31
1.5. A Sociedade do vazio	31
1.5. A Espiritualidade a partir do Ethos.....	35
1.5. A Espiritualidade a partir da Cultura do Encontro	36
2.4.1. Primeira janela – Sociedade da melancolia	39
2.4.2. Segunda janela – Sentimento de pertença	40
2.4.3. Terceira janela – Opção pelos mais frágeis	40
Considerações parciais	41
CAPÍTULO III	43
EVIDENCIAR A RELEVÂNCIA PASTORAL DA ESPIRITUALIDADE A PARTIR DOS DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II	43
3.1. Introdução.....	43
3.2. A Espiritualidade na Constituição Gaudium et Spes.....	45

3.2.1.	A Espiritualidade na experiência da Comunidade.....	46
3.2.2.	A Espiritualidade e os Sinais dos Tempos.....	47
3.2.3.	Opção Preferencial pelos Pobres	49
3.3.	A Espiritualidade a partir do Decreto <i>Ad Gentes</i>	50
3.3.1.	A Espiritualidade Missionária	51
3.3.2.	A Espiritualidade e o Diálogo Intercultural.....	53
	Considerações parciais	55
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	Anexo.....	59
	REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

Discutir a espiritualidade na atualidade tornou-se uma tarefa complexa, especialmente à luz do Concílio Vaticano II. De fato, para alguns teólogos, a espiritualidade e a teologia são vistas como esferas distintas, embora inter-relacionadas. Outro ponto que merece reflexão é a condição do ser humano, que, na ânsia pelo imediatismo, frequentemente busca a Deus como um “milagreiro”, o que compromete a profundidade de sua vivência de fé. Para dar início a essa discussão, é fundamental compreender a etimologia dos termos “Teologia” e “Espiritualidade”, uma vez que não se deve abordar aquilo que não se conhece. Como afirma Eckhart, “se Deus fosse em mim, mas eu não fosse em Deus, ou se eu fosse em Deus, e Deus não fosse em mim, tudo seria dividido” (Eckhart, 2009, p.178).

A análise da espiritualidade será realizada a partir das contribuições de alguns pensadores e místicos. É essencial considerar a época, a cultura e o contexto de cada um desses pensadores, assim como do próprio Concílio Vaticano II, que reflete as motivações e inquietações de uma Igreja aberta ao diálogo com o mundo. Em suas diretrizes, é destacado que “[...] a fé ilumina todas as coisas com uma luz nova, e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas” (GS 11). Assim, é possível não apenas compreender, mas também vivenciar a experiência do transcendente, mantendo os pés firmes na realidade em que habitamos.

Um dos grandes desafios que o ser humano enfrenta é a tentativa de separar a experiência espiritual da experiência humana, almejando uma intimidade com Deus, sem se responsabilizar ou se aproximar do próximo. Conforme afirma Bondía, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Bondía, 2002, p. 21). Infelizmente, muitos se contentam em reproduzir as experiências alheias, optando pela comodidade em detrimento do esforço necessário para a construção de uma experiência espiritual autêntica.

A palavra “teologia” vem do grego “theos”, que se refere a seres com poderes sobrenaturais, e, na tradição da Igreja, designa a Deus como fonte e origem de toda a Divindade. O termo “logia” ou “logos” significa estudo ou revelação. Portanto, teologia pode ser entendida como o estudo e a reflexão sobre a revelação de Deus, que se manifesta em Jesus Cristo, que se encarnou e habitou entre nós (cf. Jo 1,14). A teologia é, assim, a “Ciência de Deus, um estudo das questões relativas à existência, natureza e ação de Deus no mundo” (cf. Schlesinger, 1995,

p. 2491). O intuito da teologia não é explicar Deus, pois, se isso ocorrer, Deus se tornaria um objeto e deixaria de mistério revelado. O ser humano também é um mistério e só consegue entender a si mesmo ao mergulhar nesse mistério maior que é Deus.

A palavra “espiritualidade”, por sua vez, tem origem no latim “spiritus”, que significa “sopro” ou “vida”. Refere-se ao caráter daquilo que pertence ao espírito, contrapondo-se à materialidade. Designa a qualidade do que é espiritual, como Deus, anjos, alma humana e a Igreja e é sinônimo de piedade (santo, divino) (cf. Passos; Sanchez, 2015, p. 897). A Espiritualidade é a ciência que estuda e ensina os princípios e práticas que constituem a piedade, englobando uma teologia espiritual que pode ser tanto ascética quanto mística. É importante não confundir espiritualidade com o termo “espiritoso”, que se refere a uma pessoa engraçada, vivaz e sutil. Afirma Boff:

Espiritualidade é, pois, esforço de subjetivação da fé, ou seja, de transformar a fé em “experiência”. Ora, como toda experiência, a “experiência de Deus” é o acompanhante ou o resultado de um toque ou, melhor, de um contato direto e imediato com Deus (Boff, 2017, p.9).

O caminho vivencial da espiritualidade é aquele da experiência¹. Quem experimenta adquire autoridade para falar sobre sua vivência, pois é capaz de sair de si mesmo, ultrapassar fronteiras e enfrentar novos horizontes, reconstruindo, assim, novos conceitos e possibilidades. Para alguns estudiosos, “o ser humano é sempre insuficiente” e por isso deve passar pelo “perior” - experimentar, provar e pôr à prova. Sabemos que não é uma tarefa fácil, mas com certeza, é fundamental para aqueles que buscam crescer.

O Concílio Vaticano II, diante de uma diversidade de questionamentos em uma época de mudanças e uma mudança de época, busca responder, ou melhor, ajuda a Igreja a compreender e aceitar a modernidade, sem perder a direção e o seguimento a Jesus Cristo. Podemos dizer que é uma mudança de paradigmas, e que até hoje muitos não entendem e não aceitam, deve ser porque acabam vendo o outro como concorrente e não como irmão e perder o “poder” sobre os demais é “perder a autoridade” de pastor. A *Gaudium et Spes* nos diz que: “Ao ajudar o mundo e recebendo dele ao mesmo tempo muitas coisas, o único fim da Igreja é

¹ Deve ter a consciência de que experiência deve ser separada de informação. Fazer a experiência não saber fazer coisas, uma vez que, ela é única e quem a faz, experimenta algo único, pessoal e intransferível. Segundo o dicionário Enciclopédico das religiões, o qual apresenta cinco características para a definição do termo experiência, ficaremos somente com a primeira, já que demais são complementos, nos diz o seguinte: “Há experiência quando há apreensão do nosso relacionamento, de nossa relação com nós mesmos, com o outro, com o mundo de Deus: ela é sempre a refração, em um sujeito capaz de apreender, de uma situação ou de um acontecimento em que ele se acha implicado” (Dicionário Enciclopédico das Religiões, 1995, p. 1038).

o advento do reino de Deus e o estabelecimento da salvação de todo o gênero humano” (GS, 45), logo, a Igreja é sacramento universal da salvação dos homens e por isso, manifesta o amor de Deus que se dar na totalidade.

O ser humano espiritual deve ser aquele que busca viver uma vida virtuosa, realizando aquilo que seja bom e agradável a si mesmo, ao próximo e a Deus. Mas como saber o que é bom e agradável a Deus e ao próximo, quando o próprio egocentrismo é posto em primeiro lugar? Como viver uma espiritualidade mantendo os pés fixos no chão? Como fazer uma experiência divina sem separar da experiência humana? Portanto, do ponto de vista formal, o problema da pesquisa ficou assim formulado: É possível viver uma espiritualidade hoje?

CAPÍTULO I

COMPREENDER A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DA VIDA COTIDIANA AÇÃO

1.1 Introdução

Através das diversas experiências da vida cotidiana, parar para meditar a própria maneira de agir no mundo e como os textos bíblicos estão presentes no dia a dia é um exercício fundamental para aqueles que desejam crescer na espiritualidade dentro da realidade em que vivem. Por isso, é necessário voltar as fontes da Sagrada Escritura, como nos apresenta a Constituição Dei Verbum do Concílio Vaticano II. O colocar-se a serviço, o compreender os desígnios de Deus, e a busca pelo transcendente, sem excluir o semelhante, são meios para a vivência da fé e, por consequência, da espiritualidade, como nos diz o Papa Francisco na Catequese sobre a fé:

A fé é a virtude que faz o cristão. Pois ser cristão não consiste antes de mais em aceitar uma cultura, com os valores que a acompanham, mas ser cristão significa acolher e preservar um vínculo, um vínculo com Deus: eu e Deus; a minha pessoa e o rosto amável de Jesus. É este vínculo que nos torna cristãos (Francisco, 2024).

É preciso ter cuidado com o achismo de que o “estar” na Igreja é “ser” Igreja e de que está salvo ou até mesmo de se sentir melhor que o outro, pois, “nem todo aquele que me diz: ‘Senhor! Senhor!’ entrará no Reino de Deus” (Mt 7,21). Existem muitos cristãos pregando o evangelho, mas esquecendo-se de vivê-lo, e, por isso, isso se torna um problema diante daqueles que estão ao seu redor. O teólogo Bernard, diz que é “sob o impulso do amor de Deus e de Cristo, o cristão tende a viver as virtudes de uma forma heroica. Viver heroicamente significa dar prioridade absoluta a um valor e estar prontos a sacrificar a vida por ele” (Bernard, 2014, p. 87).

Um grande desafio atual é a saída de si mesmo para o outro. No evangelho de Lucas, Maria vai ao encontro de sua prima Isabel, colocando-se a serviço (cf. Lc 1, 39-45). Sair ao encontro do outro requer decisão, disposição e, sobretudo, humildade. As experiências e ensinamentos de vida revelam as particularidades que cada ser humano possui e pode oferecer à sociedade da qual faz parte. Mas, para que isso ocorra, é necessário assumir um sentimento de pertença, de familiaridade, ou seja, ter consciência e agir como irmãos, pois, como nos relembra Leonardo Boff:

A vida é feita de releituras do passado. Cada decisão importante no presente abre novas visões do passado. Cada fato ocorrido ganha sentido como fio condutor e secreto que carregava latentemente o futuro que agora se faz presente. O fato passado antecipa, prepara, simboliza o futuro (Boff, 2015, p. 52).

A vivência da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério da Igreja despertará nos cristãos uma nova hierarquia de valores que vai ao encontro da caridade, levando-os a sair de si mesmos para o outro. A transformação da consciência diante não só da vida cristã, mas também de todas as demais faculdades que se apresentam como outros humanismos e caminhos de realizações.

Para viver uma experiência espiritual, os cristãos precisam ter uma relação com a fé, assim como com o próprio Cristo, pois, “a oração foi reduzida a um relacionamento afetivo com Deus. A santidade foi associada a fenômenos místicos extraordinários, reservados a pessoas igualmente extraordinárias” (Pedrosa-Padua, 2021, p.37). Houve um aumento de adeptos ao cristianismo; porém, até que ponto este crescimento é verdadeiro quando se trata do seguimento a Jesus Cristo? A fé tem sido vivida de forma superficial, devido a muitos apegos aos bens materiais e pouco ou nada aos bens espirituais. E não é somente isso; percebe-se que as pessoas querem mudar a todo custo o outro, mas não querem e não mudam a si próprios, nos recorda a *Gaudium et Spes*, “Deus, que por todos cuida com solicitude paternal, quis que os homens formassem uma só família, e se tratassem uns aos outros como irmãos” (GS, n. 24).

Quando o ser humano tem a concepção de que o seu semelhante é seu irmão, ele vive melhor e com mais convicção em relação à importância do dom da vida. É a partir daí que ele dá início a um propósito de vida, o qual se fundamenta em uma espiritualidade profunda, tendo como base a vida de oração e o alinhamento dos projetos pessoais com os de Deus. Na *Evangelii Gaudium*, nos diz que: “[...]Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitidos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos a o nosso ser mais verdadeiro” (EG, 8). Ou seja, o ideal cristão com um propósito de vida implica em ser um “outro Cristo” no mundo.

É preciso perceber que é fundamental uma espiritualidade que una e reconcilia os cristãos com os seus irmãos na fé, e, principalmente, com aqueles que pensam e agem de forma diferente. A reconciliação consigo mesmo, com o próximo e com Deus é a porta de entrada para uma experiência íntima, pura e verdadeira com tudo aquilo que é sagrado. É crucial compreender que é o sacramento da penitência/confissão, que tem o poder de curar as pessoas que se encontram aflitas pelo pecado, centrando-se sempre no amor divino e no perdão de Jesus.

Para que essa cura ocorra, é necessário um autoconhecimento, uma escuta atenta da Palavra de Deus e a disponibilidade para o serviço em função do Reino, pois a autêntica espiritualidade se revela tanto na relação com Deus quanto no amor ao próximo, como nos ensina a *Gaudium et Spes*:

Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reinem a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito [...]. Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar na comunicação com outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual (GS, 171).

Na atualidade, fazer uma experiência espiritual do cuidado para com o outro é sinal de compaixão, proximidade e empatia pelos que mais precisam. Muitas pessoas conhecem bem a Sagrada Escritura, suas leis e mandamentos; entretanto, poucas têm vívido e praticado esses ensinamentos no dia a dia. Para que possa dar passos em direção ao outro, o ser humano é chamado a desafiar os ‘valores’ do individualismo e do consumismo presentes na sociedade moderna, pois “o amor pelo próximo nada mais é que um raio participado da infinita caridade de Deus” (Bernard, 2014, p. 132).

Veremos alguns pontos cruciais para a compreensão da espiritualidade cristã a partir das experiências cotidianas, refletindo sobre a espiritualidade dentro do contexto comunitário, entendendo a etimologia da palavra Comunidade. Analisando as bases bíblicas com exemplos de textos do Antigo e Novo Testamento, demonstraremos a vida comunitária como essencial para a fé e o suporte mútuo. A importância do estar juntos, partilhando alegrias e tristezas, reforça que a comunidade é um espaço de cura, vocação e missão, e que ela é o lugar onde cada indivíduo pode encontrar realizações plenas em sua vida cristã. Refletiremos, a seguir, reflexões em relação a espiritualidade e o cotidiano da vida, com o objetivo de colaborar para a compreensão.

1.2. Uma experiência de Cristãos com Cristo

Temos visto o crescimento do cristianismo e, de certa forma, achamos isso positivo. No entanto, será que esse crescimento é realmente bom, uma vez que muitas pessoas estão em busca de milagres, melhorias em suas condições financeiras e da casa própria? Muitas vezes, esperam que isso aconteça como um passe de mágica e não compreendem que a relação com Deus não deve se basear em uma troca de favores. Deus não precisa do ser humano para realizar

a sua obra; por amor, Ele convida o ser humano a fazer parte de seu projeto salvífico. O chamado é de Deus, e a resposta é sempre do homem, portanto, o mesmo, “ao desencarnar o mistério, em última análise preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo” (Francisco, 2018, n. 37, p. 29). Vejamos o evangelho de Lucas:

Ao entrar num povoado, dez leprosos vieram-lhe ao encontro. Pararam à distância e clamaram: “Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!” Vendo-os, ele lhes disse: “Ide mostrar-vos aos sacerdotes”. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram purificados. Um dentre eles, vendo-se curado, voltou atrás, glorificando a Deus em alta voz, e lançou-se aos pés de Jesus com o rosto por terra, agradecendo-lhe. Pois bem, era samaritano. Tomando a palavra, Jesus lhe disse: “Os dez não ficaram purificados? Onde estão os outros nove? Não houve, acaso quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?” Em seguida, disse-lhe: “Levanta-te e vai; a tua fé te salvou” (Lc 17,11-19).

Vejamos que dez pessoas que necessitavam de uma graça, alcançaram-lhe a partir do encontro com Jesus. Contudo, somente “um lembrou-se de voltar para agradecer” (cf. Lc 17,15). Infelizmente, em nosso cotidiano, os crentes não estão sendo diferentes, acabam agindo da mesma forma: são pessoas que recorrem a Deus sempre em busca de algo, e quando conseguem, são incapazes de voltar para agradecer. Mais importante do que uma graça recebida é o reconhecimento do poder do Senhor e a coragem de levantar a voz para agradecê-lo. O samaritano, em um gesto de humildade, voltou para agradecer por ter sido purificado e recebeu uma graça muito maior: a salvação.

As igrejas estão cheias de “cristãos sem Cristo”, ou seja, pessoas que vivem para si mesmas e que não têm Cristo como modelo e fonte de todo bem. São cristãos vazios, a ponto de não se comoverem com a dor e o sofrimento do próximo, e ao mesmo tempo, desrespeitam e brincam com a fé e esperança dos mais fracos. Isso não pode ser considerado cristianismo. A espiritualidade e a mística têm como objetivo sensibilizar o ser humano para perceber o outro lado das coisas e das pessoas, para que reconheçam aquilo que está sempre presente, mas que acaba escapando ao olhar desatento. Estar com Deus é diferente de apenas falar de Deus, e por isso a linguagem da espiritualidade, quase sempre, tangencia o “totalmente outro”. De acordo com Bernard,

Na realidade, depois de infundir em nós a graça, Deus não fica sem fazer nada! Quer pelos sacramentos, instrumentos imediatos para nós da comunicação da graça, quer pelas graças atuais, quer também pela pregação da Palavra, ele estimula e faz crescer a vida espiritual. Há, por assim dizer, uma contínua relação vertical entre Deus e o homem (Bernard, 2014, p.89).

O apego aos bens materiais, o individualismo, o egoísmo, a falta de caráter e tantos outros males têm tomado conta do coração dos cristãos, afastando-os da vivência do evangelho. As primeiras comunidades cristãs deixaram de ser modelos a serem seguidos. Ter uma espiritualidade alicerçada é assumir a cruz de Cristo com Cristo; é ter a consciência de que “hoje todos são chamados a anunciar o Evangelho e a testemunhar Cristo na sua vida” (Silva; Teixeira, 2010, p.25), e que a vida é como um barco em alto mar, e que Jesus se encontra ali com cada um. Em alguns momentos, enfrentará fortes tempestades e ventanias; em outros momentos, contemplará uma calmaria e um lindo dia ensolarado, pois essas são provações que testam a fé.

Os cristãos começam a deixar de parecer com Cristo a partir do momento em que, em vez de transformar a si próprios, querem transformar o outro. Percebe-se que na igreja, os fiéis apresentam a Deus, sempre situações envolvendo a libertação de um filho das drogas, o marido ou esposa do alcoolismo, ou pedidos para que os filhos venham à igreja. Enfim, raramente ou nunca são pedidos para que Deus transforme a si próprios, pois possa ser que essas pessoas nunca tenham parado para refletir que são suas atitudes em casa que levaram seus filhos às drogas, seu marido ou esposa ao alcoolismo, ou que fizeram com que os filhos não quisessem ir à igreja. Essas atitudes mostram, de fato, se esse cristão tem Cristo ou não.

Assumir uma vida radical não é colocar uma capa ou uma máscara e querer mostrar para as pessoas aquilo que não se é, porque mais cedo ou mais tarde essa capa desaparecerá e a máscara cairá, e assim, acaba destruindo a pouca fé que outro conseguiu adquirir no cristianismo. Nenhum homem, e muito menos cristão, tem o direito de matar a fé ou roubar a espiritualidade de alguém. Muitas pessoas têm deixado a Igreja, primeiro, porque não fizeram uma experiência profunda com Cristo, e segundo, porque esperava que aqueles que se dizem cristãos vivessem, de fato, o seguimento a Jesus Cristo, sendo testemunhas vivas não só dentro da Igreja, mas principalmente na sociedade, pois:

Uma vez que a finalidade essencial da vida espiritual consiste em procurar e em encontrar Deus no interior da vida concreta, todas as realidades que constituem nossa existência humana – a natureza, por exemplo, o próximo, os compromissos sociais e políticos, o trabalho, a vida familiar, a vida sacramental -, segundo graus diferentes, são vestígios do ser de Deus, manifestação de sua vontade, efeitos de sua ação. Todas as coisas, conseqüentemente, contêm Deus e podem tornar-se mediação para ir até ele (Bernard, 2014, p. 104-105).

Ao estudar a vida de alguns homens e mulheres, reconhecidos canonicamente pela Igreja como santos, é possível descobrir a riqueza do cristianismo, pois a vida deles não foi diferente

da nossa. Pode-se argumentar que os tempos que eles viveram foram muito mais atribulados do que os tempos atuais. Vejamos Francisco de Assis (1182-1226), que deixou toda a riqueza para viver uma vida de pobreza entre os pobres; Antônio Maria Zaccaria (1502-1539), que enfrentou o período da Reforma Protestante; Alexandre Sauli (1534-1592), que foi desafiado a ir para a praça carregando uma cruz e aceitou o desafio; Josefina Bakhita (1869-1947), que foi tirada de seu país, vendida como escrava e tratada como uma pessoa sem alma; e Dulce dos pobres (1914-1992), que saía ao encontro daqueles que possuíam dinheiro para pedir ajuda para os pobres. Assim como tantos outros homens e mulheres que doaram as suas vidas ao projeto de Deus. Hoje, o que falta no mundo são pessoas que tenham a coragem de confiar na providência divina e abraçar, sem medo, os desígnios de Deus.

Devido a tanto barulho, ouvir a voz de Deus tem se tornado um desafio em nosso tempo. Por isso, é fundamental tirar um momento no dia a dia para o silêncio. Claro, essa não é uma tarefa fácil e por isso, deve ser feita aos poucos, de forma gradual, para que entre na mística da oração e alcance a perfeição, uma vez que todos os seres humanos são chamados a santidade. Lembramos que Paulo, em suas cartas às comunidades cristãs, chamava os cristãos de “santos”, pois a Igreja é a comunidade escatológica a qual Deus reuniu de todas as nações e a santificou para que seja seu povo santo. Assim como Deus elegeu Israel, também elege a cada um de nós por meio de um diálogo e uma intimidade, nos encarregando a uma missão: sermos suas testemunhas. Assim,

Nesse diálogo interior com Deus, que tende a tornar-se contínuo, a alma fala pela oração, *oratio*, que é a palavra por excelência, aquela que existiria se Deus tivesse criado apenas uma alma ou um único anjo; essa criatura dotada de inteligência e de amor falaria com seu criador. A oração é às vezes de súplica, às vezes de adoração e de ação de graças; mas é sempre uma elevação da alma a Deus (Garriou-Lagrange, 2023, p.54).

O ser humano é exortado a viver uma vida de santidade, fazendo sempre a vontade de Deus por meio da oração. Na atualidade, todos os cristãos são chamados a fazer essa experiência de oração, pois assim como o ouro é provado no fogo (cf. 1Pd 1,7), todo seguidor de Cristo também será. Para isso, é necessário estar preparado. O crente deve ter cuidado para não cair em um comodismo e relativismo, de pensar e afirmar que não adianta a oração, já que, aqueles que se encontram muito mais dedicados a ela, vivem grandes momentos de tentações. Em outras palavras:

A oração cristã não é uma viagem ao fundo de si mesmo. Não é um movimento introspectivo. Não é uma diagnose dos nossos pensamentos e moções externas ou íntimas. A oração cristã é ser e estar diante de Deus, colocar-se por inteiro e continuamente diante da sua presença, com uma atenção vigilante àquele que nos convida a um diálogo sem censuras (Mendonça, 2012, p.72).

A oração é o grito da alma e “o alimento daqueles que querem progredir”, nos ensina Antônio Maria Zaccaria. É importante perceber que não há crescimento nem amadurecimento espiritual se o ser humano não tiver a capacidade de reconhecer a grandeza e magnitude de Deus em sua vida, e de desejar ardentemente um encontro com o ressuscitado. É preciso preencher-se d’Ele, sentindo-os amados por Ele, para que possam levá-Lo a outras pessoas e amá-las, uma vez que o ser humano só pode dar aquilo que tem e só deve falar daquilo que conhece, já que,

[...] o crescimento espiritual não avança de forma mecânica mas depende do empenho da pessoa. São os atos mais intensos que nos preparam para passar de uma forma espiritual para outra. [...] não somos propriamente os autores de nosso crescimento espiritual, mas é o próprio Deus quem dá o incremento à nossa vida teologal. E, no entanto, Deus requer nossa cooperação (Bernard, 2014, p. 113-114).

Quando o ser humano está em Deus, permanece de pé e de prontidão, aberto à missão, sentindo um grande desejo de falar desse amor a todas as pessoas que se encontra pelo caminho. Consegue tocar o coração do outro com apenas um abraço, um sorriso ou uma saudação. No entanto, quando se encontra sem Deus, a primeira atitude é se esconde como Adão e Eva quando comeram do fruto que Deus lhes proibiu (cf. Gn 3,8). Tornando-se como animais ferozes que atacam a todos que tentam se aproximar. Uma vez que o homem se encontra sem Deus, torna-se vazio e sem vida, perdendo a sua identidade e o sentido da própria existência. Muitas vezes, por estarem presos em seus egocentrismos², os seres humanos não conseguem compreender a dimensão do amor de Deus e muito menos sentir esse amor devido à sua autossuficiência.

1.3. Experiência do Propósito de Vida a partir de uma Espiritualidade

A vida do ser humano é marcada por diversos acontecimentos e, dentro desse aspecto, há uma necessidade organizacional, sistemática e funcional. As fases da vida de uma pessoa é um exemplo desses acontecimentos: o ser humano passa pela concepção, o nascimento, bebê,

² É todo comportamento em que o sujeito se centra em si mesmo e interpreta a realidade em função de esquemas que não deixam lugar às ideias ou aos sentimentos dos outros (Dicionário de termos da fé, 1989, p.263).

criança, pré-adolescente, adolescente, jovem, adulto, ancião e, por fim, a morte. Essas são as etapas naturais; no entanto, nem todos conseguem passar por todas elas. É a partir de uma visão coerente da vida que somos chamados e impulsionados a assumir um propósito de vida. E nada melhor do que realizá-lo tendo como base uma espiritualidade, ou seja, uma vida ativa de oração, onde os nossos projetos possam ir ao encontro dos projetos de Deus, tendo como mediador o Cristo, como afirmar Ratzinger:

A autodoação de Deus em Cristo não é algo do passado: “Lhes darei a conhecê-lo”. Em Cristo, Deus vem continuamente ao encontro dos homens, para que eles possam ir ao encontro d’Ele. Dar a conhecer Cristo significa dar a conhecer a Deus. Mediante ao encontro com Cristo, Deus aproxima-se de nós, atrai-nos a Si (cf. Jo 12,32), para nos conduzir, por assim dizer, para além de nós mesmos, rumo à amplitude infinita da sua grandeza e do seu amor (Ratzinger, 2016, p. 92).

Em nossas igrejas, temos visto milhares de pessoas desesperadas por milagres, quase uma alienação, realizando muitas vezes coisas absurdas, com objetivo de alcançar graças. No entanto, entre tantos pedidos, existem poucos propósitos³ e poucas mudanças de vida. Muitas pessoas desejam alcançar um fim sem se importar com os meios que utilizarão, e essas atitudes refletem o quanto o egoísmo domina o coração humano. Para traçar uma meta, é exigido do cristão renúncia, desprendimento, doação, confiança, fé e, principalmente, amor. Neste caminho em direção ao objetivo, é necessário enfrentar alguns obstáculos, como batalhas, desânimos, e pessoas próximas que afirmam ser inútil lutar; também lidamos com invejas e tentações que visam desviar o nosso olhar. Enfim, como citamos anteriormente, essas são provas que testam se, de fato, estamos preparados ou não.

Diante dessas situações, é bom sempre recordar que tudo isso servirá para o crescimento e amadurecimento pessoal, espiritual e comunitário, já que “ninguém toma banho no mesmo rio duas vezes, pois o rio não é o mesmo e nem a pessoa é a mesma”, como nos ensina Heráclito. Isso significa que, a todo instante, o ser humano está em mudança, passando pelo envelhecimento; algumas células de seu corpo morrem, outras nascem, e desse modo, há uma transformação contínua fisicamente. Mas, e espiritualmente, está acontecendo o mesmo ou o ser humano tem se acomodado e contentado com tão pouco?

Permitir que a dimensão espiritual se transforme é buscar primeiro conhecer a si mesmo: seus sentimentos, suas emoções, seus limites e suas capacidades. É tentar fazer algo novo, o qual não deve ir contra os seus valores morais e espirituais. Um dos problemas é que o indivíduo

³ No âmbito da fé, segundo o dicionário de termos da fé (1995), propósito é a vontade de não mais pecar. Está incluído na contrição, porque esta, sem ele, seria uma detestação fingida do pecado.

deseja as coisas de forma imediata e fácil. Quando não consegue, a sua primeira atitude é descartar aquilo e partir para outro objeto de desejo. Um grande exemplo é a experiência do silêncio: como é difícil e sufocante ficar em silêncio! O ser humano precisa ter pessoas à sua volta o tempo todo, ter em suas mãos o celular com internet, o aparelho de som ou televisão ligados no volume máximo. E tudo isso acontece porque o silêncio incomoda e o provoca a enxergar, de fato, quem ele é. Para uma mudança nessa realidade é preciso destacar a importância da interioridade, como afirma Bernard:

O primeiro elemento do conhecimento espiritual é expresso pela palavra “interioridade”, que não deve ser confundida com a noção psicológica de introspecção, que implica uma atividade de análise da própria consciência; já a interioridade significa uma penetração no sentido do mistério da fé e a descoberta da morada de Deus em nós (Bernard, 2014, p. 144).

Uma pessoa espiritual assume uma conduta e, portanto, deve conservá-la sempre na renovação do fervor, devendo se tornar outro cristo neste mundo, não apenas nas palavras, mas também nas ações e no modo de viver. O cristão não pode se contentar com qualquer coisa e com qualquer lugar, pois sua meta é a vida eterna, mas, para isso, precisa fazer um longo e belo caminho pela terra. Observe que, quando um jovem deseja passar no vestibular de medicina, direito ou em outros cursos, sacrifica noites de sono, festas e saídas com os amigos, porque tem um olhar fixo em um projeto e sonho. Mas, por que, quando se trata do seguimento a Cristo, deve ser diferente e os esforços são mesquinhos? Por que o medo de confiar na providência divina? Por que se preocupar com o que as outras pessoas pensam e falam? Talvez a resposta para todas essas perguntas resida na falta de fé e esperança do ser humano.

1.4.Uma experiência espiritual a partir da Reconciliação

O ser humano, vive um completo conflito com o seu ser interior, sobretudo quando a consciência começa a acusar as suas ações. Temos uma geração de pessoas doentes nas dimensões psicológicas, emocional e principalmente, espiritual, necessitando de curas interiores, pois, tem dificuldades de se relacionar com o outro e até consigo mesmas. Vivem uma verdadeira crise espiritual, a qual acaba desencadeando a uma crise física, levando o indivíduo a um fechamento total. Por isso é essencial a reconciliação, que se dá no encontro com o outro, consigo mesmo e especialmente, com o Senhor, que ama, perdoa e o conduz ao bom caminho:

“Quando vou me confessar é para me curar, para curar a minha alma. Para sair com mais saúde espiritual. Para passar da miséria à misericórdia. E o centro da confissão não são os pecados que dizemos, mas o amor divino que recebemos e que sempre precisamos. O centro da confissão é Jesus que nos espera, nos escuta e nos perdoa” (Francisco, 2021, p.1).

Todos os seres humanos são chamados a santidade e, para ser alcançada, necessita somente de uma resposta livre e consciente ao projeto de Deus que abraçará. O mundo tem assumido uma pluralidade em meio às diversidades e, com isso, tem perdido a direção: “quando não sabemos para onde ir, achamos que qualquer caminho serve” (cf. Carroll, 2024, p. 64), como nos apresenta a fábula de *“Alice no país das maravilhas”*.

Não somos Alice e muito menos estamos no País das Maravilhas. É preciso fazer o próprio caminho seguindo os seguintes passos: primeiro, o ser humano deve partir de um autoconhecimento, de quem eu sou, de quem eu sou próximo, como nos ensina a bela parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,25-37) e, principalmente, de quem é Deus e em qual lugar o tem colocado em minha vida. Segundo passo: sabendo quem sou, de quem sou próximo e quem é Deus, e o lugar que Ele se ocupar em minha vida, agora devo aprender a parar, sentar-se e escutar o Senhor, assim como Maria, e não se ocupar apenas com os afazeres como Marta (cf. Lc, 38-42). O terceiro e último passo é se colocar em prontidão, é estar disposto a servir, e saber que anunciar o evangelho é um dever de todo cristão e deve ser feito com a própria vida (cf. 1Cor 9,16).

Para que, de fato, viva esses passos de forma eficaz, profunda e verdadeira, o ser humano precisa se aceitar, reconhecer as próprias fragilidades, fraquezas e pecados, para que assim possa aproximar do Senhor com humildade e mansidão e desse modo, pedir perdão, como podemos aprender com a oração do publicano no Templo (cf. Lc 18,9-14). O ser humano é marcado por acontecimentos e situações que o leva a um esvaziamento profundo, a ponto de sentir ódio de si próprio, porque teve a oportunidade de fazer algo e não o fez ou, ao contrário, em outros momentos, coloca a culpa dos acontecimentos negativos nas outras pessoas, e não encontrando ninguém para culpar, então murmura e culpa a Deus.

Vejamos que, quando qualquer uma dessas situações ocorre na vida do ser humano, elas impedem que o mesmo sinta a graça de Deus, isto porque o coração⁴ acaba se fechando, não somente para si mesmo, como também para o próximo e, consequente, para Deus. O Papa

⁴ O dicionário "Houaiss" diz que a origem de "coração" é controvertida, mas que provavelmente vem do latim vulgar "coratione", "formado a partir do latim cor, cordis". Em seguida, o "Houaiss" chega ao xis do problema, ao traduzir o latim "cor" por "coração, como sede, centro da alma, da inteligência e da sensibilidade". E encontramos na Bíblia a palavra "coração", 826 vezes.

Francisco afirma que: “A verdadeira reconciliação não escapa do conflito, mas alcança-se *dentro* do conflito, superando-o através do diálogo e de negociações transparentes, sinceras e pacientes” (FT, n. 244). Os conflitos fazem parte da vida do ser humano; porém, o bom diálogo encaminha para a reconciliação.

Quando analisamos o Antigo Testamento, percebemos que poucas vezes é utilizado a palavra “reconciliação”; vamos encontrá-la nos últimos livros referindo-se às orações de alguns homens e a reconciliação de Deus para com eles (cf. 2Mac 1,5; 5,20). Já no Novo Testamento, São Paulo apresenta que os homens que eram inimigos de Deus, pela morte de Jesus Cristo, foram reconciliados (cf. Rm 5,10; 2Cor 5,19-20). Ou seja, para que os seres humanos possam fazer parte dos eleitos de Deus, necessitam abrir o coração e deixar ser reconciliados por Ele, escutando e dialogando com a Palavra de Deus. Segundo Pedrosa-Padua,

A escuta da Palavra não exclui o estudo, que evita fundamentalismos e leituras que simplesmente se ajustem à nossa forma anterior de pensar. Ela implica também sinceridade de um diálogo pessoal com a Palavra, um deixar-se transformar, de fato, pelo Espírito (Pedrosa-Padua, 2021, p. 50).

Em outras palavras, não adianta o ser humano estar na Igreja, fazendo as suas orações, sendo de comunhão diária, devolver o dízimo etc., mas não ser capaz de dialogar com a Palavra de Deus, fugindo de uma interpretação de conveniência e fundamentalista, para uma vivência que se comova e comprometa com os sofrimentos do próximo, cumprindo ao menos uma das obras de misericórdia corporais. Hoje, ser cristão se tornou algo fácil, ou seja, muitas pessoas vão se adaptando ao local em que se encontram, ocultando sua crença e deixando de ser testemunhas vivas. Falar de Deus dentro da Igreja, para um povo que foi ali com o objetivo de ouvir a pregação, homilia e reflexão é tranquilo; experimente ir falar de Deus nas praças, nos bares, ir ao encontro daqueles que se encontram em situação de rua, ir até aquela mãe que acabou de perder o filho.

São essas experiências que mostram quem realmente é o ser humano e qual lugar ele tem dado a Deus. Enquanto ele estiver vivendo o comodismo, tendo tudo que necessita para satisfazer os próprios desejos, nunca saberá o que realmente é ser seguidor de Cristo e anunciador de seu Evangelho. Quanto mais tempo demora a viver o querigma, mas pessoas se perdem por falta de conhecimento (cf. Os 4,6). Por isso, “corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo (Carta II. Antônio Maria Zaccaria, 2010, p.12), comprometendo-se com um estilo de vida concreto, ou seja, um caminho de conversão, de oração profunda e diálogo com Cristo. Construir a própria espiritualidade tendo Cristo como

ponto de partida, pois Ele é o “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), e está atento que ao aproximar do próximo, aproximará de Deus, como veremos a seguir.

1.5. Uma experiência espiritual a partir do cuidado

Quando se fala de cuidado, um dos evangelhos que chama a atenção de todos aqueles que o escuta, é o evangelho que relata a parábola do Bom Samaritano, mostrando as atitudes daqueles que vivem nos Templos, Sinagogas e Igrejas, mas são vazios interiormente, sendo incapazes de viver o que pregam. O Papa Francisco afirma que, “se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo” (EG, 49). Os crentes querem converter o outro, enquanto eles próprios não possuem uma verdadeira conversão. Vejamos a parábola do Bom Samaritano:

“Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispôs-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’. Qual dos três em sua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele responde: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faz o mesmo” (Lc 10,30-37).

Na vida cotidiana, o ser humano passa por esse caminho e, pode ser que, a cada momento e situação, seja uma personagem diferente. Todos os dias, ao sair de suas casas, as pessoas são assaltadas por tantos males do mundo, são feridas e deixadas à beira do caminho. Em outras vezes, em outros momentos, elas mesmas assaltam e machucam aqueles que se encontram ao redor, sendo com palavras e atitudes, ignorando a dor e o sofrimento do outro. Também age como o sacerdote e o Levita, e poucas vezes as suas atitudes são as mesmas do samaritano⁵, o qual, além de ser estrangeiro e considerado herege, não se esperava nada bom.

O ser humano, na maioria das vezes, não age como o samaritano porque tem o costume de se apegar às leis, regras e normas e, por preocupar-se muito em querer segui-las à risca, acaba deixando de vivê-las na prática, ou seja, muito fala e pouco faz. Por isso, faz-se necessário

⁵ Vem do hebraico e significa “os que guardam”, “os fiéis”. É o nome que foi dado aos Israelitas do Reino do Norte depois da queda da Samaria. O Reino do Sul por meio de documentos oficiais considerava os samaritanos como inimigos e hereges (cf. 2Rs 17) (Schlesinger, 1995, p.2281).

perguntar todos os dias: quem está sendo o meu próximo e de quem estou sendo próximo? O doutor da lei, ao ser questionado por Jesus quem seria o próximo daquele homem caído, responde dizendo que é “aquele que usou de misericórdia” (Lc 10,37), em vez de falar que o próximo foi o samaritano; uma vez que o samaritano era um inimigo, e as pessoas não fazem elogios e ou aceitam algo daqueles que têm como inimigos. Jesus busca ensinar para o doutor da lei e, hoje, para cada um de nós que não basta saber a lei, mas é preciso saber vivê-la, sair da teoria para a prática (cf. Meneses, 2007, p.26), pois “Deus nos deu uma lei de amor e não de medo, de liberdade de espírito e não de escravidão, uma lei gravada em nossos corações (cf. Rm 2,15) e que qualquer homem pode conhecer por si mesmo” (Sermão I, Antônio Maria Zaccaria, 2010, p. 54).

Ter compaixão ou compadecer é “sofrer com”, “ter empatia” com o outro, compartilhar com o seu sofrimento, ajudar, sem querer algo em troca. Mas como viver a compaixão dentro de um mundo tão marcado pelo “ismo”, ou seja, consumismo, egoísmo, individualismo, machismo, entre outros? Dentro das igrejas, se fala muito do amor, mas um amor de conveniência; um amor que não aceita quem pensa e age diferente, quem faz parte de outra religião, etnia, cultura, ou que tem cor diferente. Acabamos deixando de enxergar o outro como irmão e passamos a enxergá-lo como produto, o qual rotulamos. “Convém, então, sermos cristãos não só de nome, mas de fato” (Santo Inácio de Antióquia, 1970, p.51). Se pelo menos o ser humano se esforçar para amar o próximo, podemos dizer que ele compreendeu verdadeiramente o evangelho, em outras palavras, está vivendo o que Jesus pediu em seus ensinamentos aos discípulos: “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13,34). Como afirma o Papa Francisco:

[...] o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG, n.88).

Portanto, é fundamental que o ser humano tenha a coragem e a disponibilidade de se colocar a serviço do próximo e de ser próximo. E, para um êxito, faz necessário a oração e o auxílio do Espírito Santo, que tem conduzido e continua a conduzir a Igreja no caminho escatológico. São Paulo, em vários momentos, exorta aos cristãos das diferentes comunidades a importância de estarem em oração, como podemos encontrar em 1Tes 5,17-18 “orai sem

cessar. Por tudo dai graças”, em Fil 4,6 “[...] apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, em ação de graças”, e sejam alegres na esperança, se estiverem passando por tribulações, sejam perseverantes e sempre fervorosos na oração (cf. Rm 12,12). Uma pessoa que reza é uma pessoa menos atribulada, porque sabe em quem tem depositado a sua confiança.

1.6. Uma experiência espiritual da Escuta e do Serviço

Fazer uma experiência da escuta e do serviço é essencial para o crescimento espiritual e humano de todas as pessoas. Não é por acaso que os consultórios de psicólogos estão cada vez mais lotados e com isso, as paróquias têm iniciado a pastoral da escuta, a qual tem ajudado a muitas pessoas que se encontravam em desespero e sem direção. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que, “muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr à parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído a beira do caminho” (EG, 46). Vejamos que Jesus faz um movimento contrário no evangelho de Lucas, não é ele quem escuta, e sim, quem fala e encanta com o modo de ensinar e de demonstrar o seu amor, vejamos:

Estando em viagem, entrou num povoado, e certa mulher, chamada Marta, recebeu-o em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, ficou sentada aos pés do Senhor, escutando-lhe a palavra. Marta estava ocupada com muito serviço. Parando, por fim, disse: “Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude”. O senhor, porém, respondeu: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada” (Lc 10,38-42).

Marta e Maria são irmãs de Lázaro e elas estão presentes também no relato de João 11,1-44. Jesus tinha um grande apreço por elas e, como um bom amigo, sempre buscava fazer-lhes uma visita. Mas, para compreender essa experiência de Marta e Maria de uma forma simples e concreta em nossa vida cotidiana, é necessário irmos por parte.

A vida do ser humano é marcada pela aprendizagem. Pois cada pessoa sabe o que a faz feliz e o que a entristece, quando se encontra atribulada, preocupada e com medo, recorre à oração. Ao encontrar um amigo, não é diferente: de imediato, partilhar os sentimentos, angústias, projetos e sonhos; como também quer ouvir as novidades que esse amigo traz para oferecer. Esse é o primeiro aprendizado desse evangelho, ou seja, Maria se senta aos pés do Senhor e fica encantada com seus ensinamentos e suas experiências vividas até aquele

momento, é um sentimento de intimidade entre o servo e o Senhor. Um grande erro do ser humano é não dar a atenção devida à visita em sua casa, se preocupa tanto com o espaço que deixa a pessoa em um segundo plano.

O segundo aprendizado é com Marta: “Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude” (Lc 10,40). Podemos pensar que Marta está sendo egoísta ou algo do tipo, mas ela não havia compreendido, até aquele momento, que a experiência de cada um com o Senhor é única e não ocorre ao mesmo tempo, no mesmo lugar e do mesmo jeito. Para alguns estudiosos, Marta já havia feito a experiência da escuta do Senhor e deve ser por isso que, ao recebê-lo em sua casa, logo se coloca ao serviço.

Infelizmente, hoje em dia, tem surgido muitos cristãos com essas atitudes, se sentem “convertidos” e, por isso, querem que os outros mudem e se convertam da noite para o dia. No entanto, é preciso compreender que, parar para ouvir o Senhor é estar atento às necessidades do próximo; vivendo, de fato, o evangelho.

O terceiro aprendizado é quando o Senhor chama por duas vezes o nome de Marta (cf. Lc 10,41). Na Sagrada Escritura, Deus tem um modo carinhoso de tratar aqueles que lhe são especiais, Ele os escolhe, chama o nome por duas vezes e sempre há uma resposta por parte deles, e lhes confiam uma missão: veja que sete nomes são repetidos por Deus: “Abraão! Abraão!” Ele respondeu: “Eis-me aqui” (Gn 22,11); “Jacó! Jacó!” E ele respondeu: “Eis-me aqui” (Gn 46,2); “Moisés! Moisés!” Este respondeu: “Eis-me aqui” (Êx 3,4); “Samuel! Samuel!” e Samuel respondeu: “Fala, pois teu servo ouve” (1Sm 3,10); “Simão, Simão” (Lc 22,31); “Saulo, Saulo” (At 9,4). Chamar pelo nome é sinal de amizade, proximidade e, muito mais que isso, é como dizer o quanto aquele que chama te conhece e fala com autoridade sobre ti. Em todos os chamados da Sagrada Escritura, as respostas são positivas, pois ambos se conhecem e se deixam conhecer.

O ser humano se incomoda demais com o que o outro faz ou deixa de fazer e não aceita trabalhar enquanto o outro se encontra parado. Esse é o terceiro aprendizado, “tu ti inquietas e te agitas por muitas coisas” (Lc 10,41). As pessoas vivem sempre na correria, na pressa de realizar todos os serviços de imediato, para que, assim, possam ficar livres. É neste momento que a graça passa de despercebida, porque o ser humano foi cegado pelos afazeres. Ao assumir várias coisas, não conseguem dedicar e concluir ao menos uma. Para alcançar a felicidade, ter uma experiência mística de oração e sentir o poder de Deus no coração, “pouca coisa é necessária, até mesmo uma só” (Lc 10,42), ou seja, assim como Maria, o ser humano deve

aprender a sentar-se aos pés do Senhor e escutá-lo, pois, “Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não será tirada” (Lc 10,42).

Neste itinerário espiritual, qual parte o ser humano tem escolhido ou está escolhendo? Quanto tempo tem gastado para falar e ouvir o Senhor? Em quais momentos o tem buscado? As pessoas reclamam muito quando as coisas não estão indo como desejam; se sentem como “lixos” quando ficam desempregadas e as contas começam a chegar. Acabam não construindo consciência de que o ser humano é necessitado de amizade, diálogo e intimidade com o Senhor.

Aqui, neste evangelho, podemos concluir que Jesus convida a todos a seu seguimento. Marta representa o discípulo que busca servir o mestre da melhor maneira possível; já Maria representa o discípulo da escuta, que busca aprender com as palavras do mestre. Ou seja, o ser humano só conseguirá servir ao próximo se souber ouvir o mestre. Deve sempre manter um equilíbrio: não pode ser somente como Marta, porque cairá em um ativismo sem fim, e não pode ser somente como Maria, porque fugirá do mundo real, esperando a vida escatológica, a qual já se encontra no mundo.

1.7. Uma experiência espiritual da vida em comunidade

A palavra “comunidade” tem sua origem no latim “*communitas*” e é o caráter do que é comum a várias pessoas; é a coletividade do “nós”. Dentro da Sagrada Escritura, é possível encontrar diversos grupos que vivem essa experiência do “nós”, a unidade em meio a diversidade. Diante das dúvidas, reclamações e, principalmente da falta de fé do povo do Egito a Moisés, eles permaneceram unidos em grupo (que podemos definir como comunidade). É devido esta unidade que alcançam a terra prometida (cf. Ex 13,17-22).

O Novo Testamento dar um novo significado para a palavra “comunidade”. Em Mateus 18,19-20, nos diz: “Em verdade ainda vos digo: se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”. E nos Atos dos Apóstolos 2,42: “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações”. Vejamos que, nessas passagens bíblicas, encontramos um grande tesouro se tratando de estar em comunidade e ser comunidade ativa e presente.

Outro aspecto importante é o chamado de Jesus aos dozes e depois aos setenta e dois (cf. Mt 10,1-4; Lc 10,1-9). Jesus demonstra como é bom viver em comunidade, partilhando as experiências, as orações, as angústias e preocupações. Estar em comunidade revela aos seus

membros que, ao mesmo tempo em que sentem fragilizados com as diversas situações em suas vidas cotidianas, são fortes e podem ajudar ao próximo que se encontra na mesma ou até em situações piores. Jesus poderia realizar grandes milagres e prodígios sem a colaboração humana, mas Ele prefere usar da disponibilidade do ser humano para alcançar a outros seres humanos, mostrando-se que o amor é a fonte de toda graça, e o encontramos no encontro da comunhão.

A palavra “ekklesia”, que se traduz por “assembleia” e “Igreja”, aparece no Novo Testamento 114 vezes, sendo 62 vezes nas cartas paulinas (cf. Rivas, 2009, p.5), e nos mostra que Paulo não só fundou diversas comunidades em suas viagens missionárias, como também as exortava a viverem em unidade e oração, comparando-as com um corpo humano (cf. 1Cor 12,12), onde Cristo é a cabeça (cf. Ef 5,23), ou seja, cada um dos crentes são importantes e fundamentais na construção do Reino de Deus. Agora, depende da escolha que cada um fará com a liberdade que lhe foi concedida.

A Igreja é uma porque é o povo da nova aliança. Esta comunidade não se une apenas por meio de instituições humanas, mas pelo Espírito Santo, que atua nela e a leva para a realização plena das esperanças escatológicas.

São Paulo não aceita a ideia de um cristianismo individualista. Para o Apóstolo, o seguimento de Cristo implica pertencer a uma comunidade. Ele só fala de uma “assembleia convocada”, de um “corpo”, de um “edifício”, de um pão que se parte em comunidade... (RIVAS, 2009, p.171).

Portanto, entre o homem caído no caminho, o levita, o sacerdote e o bom samaritano, o ser humano ainda pode escolher quem quer ser. Entre Marta e Maria, ele pode cuidar apenas das tarefas da casa, como também pode apenas se sentar e escutar o Senhor, ou equilibrar as duas realidades e ser completamente realizado em sua vida cristã. E, por fim, é importante sempre ter em vista que, a comunidade é lugar de encontro, de cura, de restauração; é onde o ser humano compreende sua vocação e sua missão.

Considerações parciais

A vida dos cristãos, como a de todos os seres humanos, deveria ser identificada somente pela palavra amor, pois se assim fosse, o mundo seria diferente e, com certeza, seriam uma grande fraternidade, onde teriam o compromisso de cuidar uns dos outros de forma simples e singela. Sentiria as dores dos outros, como também as alegrias e conquistas.

Hoje, na sociedade, muitas pessoas se denominam cristãos, porém, poucas vivem o cristianismo e ainda menos vivem o evangelho em sua radicalidade. As pessoas gostam e buscam justificar seus pensamentos, palavras e atitudes na Sagrada Escritura, uma vez que

passam anos sem pisar sequer em uma igreja. São os famosos “cristãos de conveniências” ou “cristãos de festas”, que vão à igreja no batizado, na Primeira Comunhão, na Crisma e nos casamentos dos filhos quando ocorrem, e em outros momentos, na festa do padroeiro ou na missa de sétimo dia de alguém próximo.

As pessoas querem viver uma espiritualidade e uma intimidade com Deus sem fazer esforço, sem uma busca e muito menos uma vida de oração. Lembram de Deus quando necessitam de uma graça, de uma benção, tratando Deus como funcionário ou milagreiro. Não deveriam buscar a Deus somente em situações de dores e sofrimentos, pois o encontro com Ele deve ser em todos os momentos, inclusive em ação de graças por tudo que foi concedido até aqui.

Uma pessoa que tem uma espiritualidade profunda jamais desejará o mal a uma nação e nem mesmo ao seu semelhante. O apóstolo Paulo, em sua segunda carta aos Coríntios, nos dizer que “o amor com amor se paga” (6,13); mas como é difícil compreender essa frase e colocá-la em prática no cotidiano. O ser humano quer pagar o bem com o mal, o amor com ódio. Recordemos uma famosa frase de Dom Hélder Câmara que diz: “Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo; quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista”. O ser humano está diante de uma sociedade que quer a sua boa ação, mas não aceita os seus questionamentos.

Viver uma espiritualidade cristã de amor e com amor é ter a consciência de que os cristãos são chamados não só a anunciar a Boa-Nova, como também a denunciar as injustiças nos dias presentes. Não adianta estar orando e não fazer com que essa oração entre em ação na vida cotidiana, pois é fácil pregar sobre as virtudes teologais, as obras de misericórdia corporais e espirituais, e tantos outros temas. Mas o difícil é viver essas temáticas nas ações diárias. Os cristãos vão parecendo cada vez mais com os mestres da Lei, que fazem regras e normas para os outros cumprirem (Cf. Mt 23,13-17); e, desse modo, nem eles entram no Reino do Céu, e nem permitem que os outros entrem também. Bondía afirma que,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Bondía, 2002, p.24).

Portanto, uma espiritualidade bem vivida parte de uma espiritualidade experiencial; ou seja, é por meio da experiência que o ser humano faz com o Sagrado que ele é levado a um encontro místico, e ao mesmo tempo sem explicação, pois é algo para ser sentido e vivido. Mas, para isso, é necessária uma abertura ao Divino sem perder a humanidade, isto é, a sensibilidade existencial. A Espiritualidade é a arte de se sentir atraído por Deus.

CAPÍTULO II

INVESTIGAR A ESPIRITUALIDADE A PARTIR DA SOCIEDADE DO VAZIO

1.5. Introdução

O ser humano precisa aprender a viver as incertezas do período moderno e pós-moderno. A cultura, a família, a religião e a sociedade têm dificuldade em oferecer explicações adequadas que permitam ao indivíduo construir ou ordenar a própria vida. Atualmente, a sociedade enfrenta uma crise existencial, caracterizada pelo vazio, que se manifesta em formas como “suicídio”, “depressão” e a busca por “felicidades de aparências”.

O ser humano tem forjado uma vida de farsa, defendendo a ideia de que todos desejam ser “eu”. No entanto, muitos acabam por se transformar em meras imitações dos outros. O “parecer” tem se tornado mais importante do que o “ser”; a quantidade de seguidores e a opinião alheia prevalecem, enquanto a centralidade permanece no “eu”. Estamos diante de uma geração marcada pelo egocentrismo exacerbado, resultando em uma escassez de espaço para a espiritualidade. Segundo Sciadini: “O bem e o mal são colocados à nossa frente para que possamos escolher livremente. O que importa é ter a coragem de ver melhor o que mais nos convém e o que mais corresponde ao projeto de Deus para nós” (Sciadini, 2015, p. 167). Entretanto, o ser humano tende a restringir-se ao que lhe convém, incapaz de abrir-se para uma experiência genuína com o Senhor.

Compreender e vivenciar a espiritualidade a partir de uma experiência relacionada à sociedade do vazio pode, à primeira vista, parecer negativo. No entanto, ao meditar na Palavra de Deus, o indivíduo pode perceber que, para um verdadeiro preenchimento, é necessário um esvaziamento, pois, “aparentemente, temos tudo; só nos falta o essencial, a saber, o mundo” (Han, 2017, p.127-128). É fundamental renunciar ao próprio egocentrismo, voltando-se para Jesus Cristo como centralidade da vida e da fé.

1.5. A Sociedade do vazio

Como mencionado anteriormente, na contemporaneidade, o ser humano vivencia um grande vazio existencial, com indivíduos cada vez mais voltados para si e preocupados com sua satisfação imediata. A ascensão do individualismo, hedonismo e consumismo torna-se uma problemática central, revelando valores predominantes na cultura atual.

Nos últimos anos, tem-se observado um aumento significativo nos índices de suicídio e depressão, com a maioria das vítimas sendo adolescentes e jovens. A mídia e a publicidade exercem influência, promovendo a busca por “felicidades de aparências”, que se manifestam através da busca pelo prazer, da imagem perfeita e da quantidade de seguidores nas redes sociais. Dessa forma, são construídas relações artificiais e vazias, desprovidas de afetos ou envolvimento saudáveis. Discutir espiritualidade fora do contexto atual em que vivemos é tratar de algo meramente teórico; é preciso ir além, adentrar a realidade e a intimidade do indivíduo, auxiliando-o a amadurecer em seu “orar” e em sua “ação”.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em sua obra “A Sociedade do cansaço”, analisa a contemporaneidade, descrevendo como as pessoas estão cada vez mais exaustas e sobrecarregadas. Antigamente, havia controle pela repressão e coerção; hoje, esse controle provém de uma pressão invisível, que não se origina apenas do externo, mas também do próprio indivíduo, que enfrenta demandas constantes de produtividade, sucesso e felicidade. Han afirma:

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. A técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso (Han, 2015, p.31).

Essa sociedade do vazio caracteriza-se por uma obsessão pelo desempenho e pela produtividade. As ideologias promovidas, como auto exploração, liberdade ilimitada e autorresponsabilidade, geram, paradoxalmente, sentimentos de fracasso e exaustão. Embora a tecnologia proporcione conexões instantâneas, contribui para o cansaço, e a hiperconectividade do mundo digital resulta em fadiga, falta de atenção, ansiedade e vazio interior. Chegamos a um ponto em que as relações se tornam uma brincadeira de faz de conta, onde uma conexão é desfeita instantaneamente quando alguém é excluído nas redes sociais.

Para que o ser humano encontre uma libertação das demandas excessivas da vida contemporânea, é fundamental que repense suas prioridades e busque um equilíbrio saudável entre trabalho e descanso, diversão e espiritualidade, além de cultivar laços familiares e conexões virtuais. A promoção de uma cultura do cuidado consigo mesmo, da introspecção e da procura de um “tempo vazio” para recarregar as energias é de suma importância. A

espiritualidade deve ser entendida como uma trajetória de busca constante, sendo um caminho de vida e não apenas um ponto de chegada.

O psicólogo Stanley Rosner, em sua obra intitulada “O ciclo da autossabotagem”, apresenta uma nova perspectiva sobre a sociedade do vazio. Ele argumenta que são atitudes repetitivas, impulsionadas pela necessidade de autoproteção e pela infantilidade presente em nosso interior, deterioram não só os relacionamentos familiares, mas também as amizades e as relações profissionais. Pois,

Dentro de todos nós há uma criança que quer experimentar o novo e o diferente, uma criança que tem uma curiosidade saudável pelo mundo que a cerca, que quer aprender e criar. Em todos nós há necessidade de segurança, de proteção e de estabilidade. [...] Mas, muito frequentemente, a necessidade de segurança e de dependência superam a liberdade de explorar, e nós acabamos nos sufocando, e até destruindo, os desejos criativos, a fantasia, a criança dentro de nós. Buscamos fontes que satisfaçam nossa necessidade de dependência e de segurança, sacrificando a criança curiosa e imaginativa (Rosner e Hermes, 2020, p. 45-46).

A criança interior que todos carregamos acaba se perdendo em meio a inúmeras pressões externas. De um lado, há a necessidade de uma aceitação em grupos; do outro, a dificuldade de autoaceitação, a valorização e o reconhecimento dos próprios talentos e habilidades, resultando em um medo avassalador da responsabilidade, da autonomia e da independência. Nesse cenário, a conexão com o sagrado se perde, tornando-se apenas uma ideia abstrata, ao invés de algo real e profundo.

Observamos que a sociedade do vazio inicia sua trajetória a partir do momento em que os valores fundamentais para o ser humano são atacados por diversas correntes de pensamentos e ideologias. Esse processo leva à perda de identidade, à medida que as curiosidades e dúvidas se tornam frequentes e as respostas se tornam cada vez mais escassas. Quando ocorrem acontecimentos inesperados, a tentação de atribuir culpa a Deus (caso se acredite em Sua existência) é muito maior do que assumir a responsabilidade pelas próprias escolhas e decisões.

Inserido nessa sociedade do vazio, o ser humano enfrenta uma desconexão emocional e um vazio existencial, em busca de significado, enquanto vivencia uma cultura de superficialidade e se torna dependente das tecnologias. Esse vazio interior o leva a preencher-se com consumismo exagerado, ao mesmo tempo em que sofre com competições em todas as esferas da vida, deparando-se com desigualdades e solidão. O vazio resulta em estresse e cansaço, impedito uma conexão significativa com o outro e com o Deus. Quando o ser humano perde o significado e o sentido da vida e de sua espiritualidade, inicia uma busca por distrações tecnológicas, onde raramente encontra satisfação.

Se esse ser humano se encontra em um estado de vazio, como poderá obter respostas para suas indagações? Como pode experimentar o sagrado e sentir essa presença transcendental dentro de si? O primeiro passo a ser dado é o da permissão; isto é, permitir-se vivenciar os vales da sombra da morte, passando por momentos de alegria, assim como de dor e tristeza. É a partir dessas experiências que será capaz de ver o mundo com novos olhos.

O grande problema é que, envolto nesse processo de vazio, o ser humano vivencia uma angústia. Quando se depara com o termo “angústia”, muitas definições vêm à mente, como ansiedade, ânsia e desesperança, entre outras. No entanto, frequentemente o ser humano não tem encontrado o que realmente essa palavra representa na vida⁶. A sociedade do vazio, portanto, vive essa angústia - um estado de inquietude quanto à própria existência, provocada pelo pecado e, ao mesmo tempo, intimamente ligado ao sentimento de liberdade. Como nos ensina Kierkegaard:

Sendo o indivíduo formado pela angústia para a fé, a angústia então há de erradicar justamente o que ela mesma produz. A angústia descobre o destino, mas quando o indivíduo quer por sua confiança no destino a angústia se reverte e expulsa o destino; pois o destino é como a angústia e a angústia é como a possibilidade de uma carta de bruxa. Quando a individualidade não é dessa maneira transformada por si mesma em relação ao destino, conserva sempre um resto dialético que nenhuma finitude consegue erradicar (...) (Kierkegaard 2015, p. 174).

Dessa maneira, constata-se que a angústia é percebida como uma acumulação quantitativa, na qual o ser humano reúne as experiências angustiadas daqueles que o precedem. A angústia, então, se transforma na realidade da liberdade como possibilidade, levando o homem, diante dessa liberdade de escolha, a sentir-se angustiado. É fundamental considerar o ser humano em sua totalidade, isto é, compreender que a solidão, a angústia e as altas cobranças por parte da família, do estudo ou do trabalho têm levado muitas pessoas a uma profunda depressão e ao suicídio. Conforme afirma Han, “o que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer a si mesmo, mas a pressão de desempenho” (Han, 2017, p.27). A pessoa que se sente vazia, não necessariamente se encontra distante de Deus, como muitos afirmam, mas, sim, que ao longo do caminho, a exaustão a alcançou, levando-a a perder sua própria identidade e, assim, a sentir uma insegurança existencial diante do nada.

⁶ O termo angústia tem a raiz greco-latina no verbo *ango* (apertar materialmente, em particular a garganta), comum aos termos sinônimos *angusto* (lat, *angustia*: propriamente estreitamente oprimido de espírito). A palavra angústia possui múltiplos sentidos transportados para a linguagem dos literatos: dolorosa sensação de sufocamento, estado penoso de espírito, dor pungente (Ancilli, 2012, p. 162). Refletiremos esse termo Angústia, a partir do aspecto existencial, compreendendo que ela implica na existência humana, a qual pode ter seu núcleo em Deus ou no nada (Ancilli, 2012, p. 162).

Não se deve impedir que o ser humano experimente a solidão, a dor da perda e o sofrimento. É imprescindível que ele viva as situações e acontecimentos cotidianos, sejam eles positivos ou negativos, pois são nesses momentos que o indivíduo começa não apenas a refletir sobre a vida, mas também a compreender que a vida é um vazio que se preenche à medida que se esvazia. Quanto mais ocorre um esvaziamento de si próprio, mas se enche da graça de Deus, especialmente, quando se coloca em um gesto de escuta e amor ao próximo.

1.5. A Espiritualidade a partir do Ethos

Viver a espiritualidade é refletir a partir de um ethos, ou seja, a partir de um conjunto de hábitos e costumes no âmbito do comportamento, dos valores, das ideias, das crenças e da cultura, além de considerar o contexto social. Trata-se da determinação em criar projetos de vida que contemplem o ser humano em sua totalidade. O ser humano é, por natureza, um ser de interioridade, e sua ligação a um ethos o torna um ser relacional. Nos afirma Bernard:

O primeiro elemento do conhecimento espiritual é expresso pela palavra “interioridade”, que não deve ser confundida com a noção psicológica de introspecção, que implica uma atividade de análise da própria consciência; já a interioridade significa uma penetração no sentido do mistério da fé e a descoberta da morada de Deus em nós (Bernard, 2014, p.144).

Através do Ethos, o ser humano é incentivado a cultivar valores como a empatia, a gratidão, o respeito, a humildade e a compaixão. Esses valores auxiliam no crescimento espiritual à medida em que o indivíduo se torna consciente não apenas de suas próprias necessidades e desejos, mas também das necessidades do próximo e do mundo ao seu redor. Ferraz e Rangel nos lembram que “a Espiritualidade do Encontro colaborará para a construção conjunta de uma nova forma de ser no mundo, um novo ethos, um ser com, não um ser só” (Ferraz; Rangel, 2021, p.62-63). Ao aprofundar-se na interioridade, o ser humano tem a oportunidade de desconectar-se das distrações externas e de mergulhar em uma busca mais profunda de compreensão e significado.

O homem interior é capaz de questionar suas motivações, desejos e propósitos mais íntimos. Ele é capaz de olhar além do superficial e buscar respostas para perguntas fundamentais sobre sua existência e conexão com o mundo. Por meio dessa exploração interna, torna-se apto a desenvolver uma maior consciência espiritual e a cultivar uma relação mais íntima com sua própria espiritualidade e valores pessoais.

Por meio da interioridade, o ser humano se torna sensível em relação ao outro e ao meio ambiente. À medida que se sintoniza com sua essência interior, nutre qualidades que fortalecem sua conexão com a espiritualidade em comunhão com o ethos, tornando-se um agente transformador no mundo. É importante recordar que “o verdadeiro protagonista dessa transformação humana e dessa superabundância de dons é o próprio Deus. É Ele que conduz com mão forte e ternura infinita o seu povo até a maturidade” (Sciadini, 2015, p.33).

A espiritualidade, quando é vivida a partir do ethos, conduz o ser humano ao autoconhecimento. Por meio da meditação, das práticas religiosas e da contemplação, a pessoa torna-se consciente de sua identidade como indivíduo. Com o tempo, aprende a lidar com os desafios e adversidades da vida, conseguindo superar as dificuldades enquanto mantém a esperança e a perseverança. Lévinas nos recorda que “o tempo é pura esperança. É mesmo o lugar natal da esperança” (Lévinas, 2003, p. 113). Assim, a espiritualidade não deve se limitar a práticas religiosas específicas; tanto o ethos quanto a espiritualidade buscam promover a integridade e o bem-estar da pessoa humana.

Portanto, ao analisarmos a espiritualidade a partir do ethos, descobrimos que ela desempenha um papel essencial na vida do ser humano. Quando cultivada uma espiritualidade baseada no ethos, o indivíduo vive uma vida autêntica, compassiva e conectada com algo muito maior, um ser superior que chamamos de Deus. O ethos atua como uma bússola moral, enquanto a espiritualidade representa uma busca pelo transcendente; ambos favorecem o crescimento do indivíduo como ser humano e ser de relações.

1.5. A Espiritualidade a partir da Cultura do Encontro

Em um mundo tão secularizado, a vivência de uma experiência espiritual tornou-se quase impossível, especialmente quando essa vivência ocorre a partir da cultura do encontro. As pessoas demonstram uma grande preocupação em falar de Deus aos outros, muitas vezes sem que tenham acreditado ou vivenciado genuinamente uma experiência com o Senhor. Leonardo Boff nos ensina que, “experimentar Deus não é falar de Deus aos outros, mas falar a Deus junto com os outros” (Boff, 2002, p.10). Em outras palavras, a intimidade com Deus se manifesta no estar junto ao outro, o que hoje é traduzido pela Igreja como uma “Igreja em saída” (cf. EG, 24) e uma “Igreja sinodal”.

Discutir a espiritualidade não é uma tarefa fácil, porém é algo urgente na atualidade, principalmente quando o outro é incluído no encontro. A Igreja enfrenta uma crise de fé; diariamente, as pessoas desejam falar de Deus em suas redes sociais, mas são incapazes de se

aproximar do próximo, do necessitado. A religião tem sido colocada acima da espiritualidade, e a opinião dos “famosos” na internet frequentemente se torna um “dogma de fé” para muitos.

No mundo grego, Sócrates falava sobre “parir ideias” (cf. Júnior, 2009, p. 57); hoje, é necessário “parir” perspectivas existenciais, enxergando o outro como ser humano que deseja ser tratado com dignidade e respeito. Muitos cristãos frequentemente julgam e condenam todos aqueles que pensam de forma diferente ou que possuem outras crenças e motivações para viver. Deve-se considerar que esses juízos de valores levam cada vez mais pessoas a se tornarem adeptas de uma espiritualidade que não se apegam a uma religião específica, mas que concede uma liberdade de espírito. Bernard expressa isso ao afirmar:

Uma vez que a finalidade essencial da vida espiritual consiste em procurar e encontrar Deus no interior da vida concreta, todas as realidades que constituem nossa existência humana - a natureza, por exemplo, o próximo, os compromissos sociais e políticos, o trabalho, a vida familiar, a vida sacramental -, segundo graus diferentes, são vestígios do ser de Deus, manifestação de sua vontade, efeitos de sua ação. Todas as coisas, consequentemente, contêm Deus e podem tornar-se mediação para ir até ele (Bernard, 2014, p. 104-105).

Quando o ser humano trabalha no mundo e o transforma, ele responde à intenção primitiva do Criador. Quando, além disso, mantém uma relação de caridade com o próximo, cumpre, de forma especial, a vontade de Deus, que é a vivência do mandamento novo que é o amor, representando uma presença particular de Deus na vida do outro. “Tal é o autêntico reconhecimento do outro, que só o amor torna possível e que significa colocar-se no lugar do outro para descobrir o que há de autêntico ou pelo menos de compreensível no meio das suas motivações e interesses” (FT, 221).

Diversos documentos da Igreja têm se dedicado a explorar a consciência humana a partir da cultura do encontro⁷. Quando um encontro autêntico e sincero com o outro ocorre, isso sinaliza uma vivência de uma espiritualidade verdadeira e enraizada no Evangelho. Na encíclica “Fratelli Tutti”, o Papa Francisco apresenta uma reflexão sobre a fraternidade humana e a necessidade de buscar o bem comum, ou seja, a espiritualidade é construída a partir das relações interpessoais, pois são nesses encontros que o ser humano é desafiado a sair de sua zona de conforto. O Papa Francisco afirma que:

⁷ “Significa que nos apaixona, como povo, querer encontrar-nos, procurar pontos de contacto, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos. Isto tornou-se uma aspiração e um estilo de vida. O sujeito desta cultura é o povo, não um setor da sociedade que tenta manter tranquilo o resto com recursos profissionais e mediáticos” (FT, 216).

No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia doutros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onnipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco. Esta desilusão, que deixa para trás os grandes valores fraternos, conduz «a uma espécie de cinismo. Esta é a tentação que temos diante de nós, se formos por este caminho do desengano ou da desilusão. (...) O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim» (FT, 30).

É necessário estar atento ao fato de que a espiritualidade, a partir da cultura do encontro, provoca o ser humano a ir além de suas próprias convicções e a abrir-se para o diálogo com outras culturas e religiões. Ela convida a superar as barreiras e preconceitos, buscando compreender o outro em sua totalidade e acolhendo a diversidade como uma riqueza que enriquece a caminhada espiritual.

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco faz um convite aos cristãos para serem uma Igreja em saída (cf. GS, 20), pronta a ir ao encontro de todos aqueles que se encontram nas periferias existenciais da sociedade. É a partir do contexto das realidades cotidianas, especialmente junto aos mais necessitados e marginalizados, que se vivencia a espiritualidade de forma mais humana. Desse modo, é possível reconhecer a presença de Deus no rosto do próximo, mantendo-se aberto ao diálogo e serviço ao outro. A *Gaudium et Spes* afirma que,

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história (GS, 1).

Observa-se que falta uma espiritualidade mais humana e humanizadora, e a Igreja, ao perceber isso, tem buscado exortar os fiéis e a todo ser humano sobre a importância de uma oração que ande junto com a ação. O ser humano não deve ficar apenas contemplando a ascensão de Jesus, como os discípulos, a ponto de ser chamados a atenção por dois homens com vestes brancas, que perguntam: “homens galileus, por que estais parados olhando para o céu?” (At 1,11). É preciso colocar os pés no chão e continuar a missão, indo ao encontro, cuidando, ensinando e, principalmente, amando o outro.

Ao refletir sobre a Sagrada Escritura, alguns documentos da Igreja e obras de estudiosos do assunto, percebe-se que a espiritualidade não deve se separar do contexto cultural e do encontro com o outro. Se o cristão não assume uma corresponsabilidade para com o próximo, sua “espiritualidade” perde o seu significado e importância. Ser espiritual é ser humano consigo mesmo, com o outro, com a casa comum e com Deus, que se encontra acima de tudo e de todos, mas que, ao mesmo tempo se faz próximo. Como está escrito: “Se alguém disser que ama Deus, mas odeia o irmão, é mentiroso, pois quem não ama o irmão a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?” (cf. 1Jo 4,20).

O teólogo Teilhard de Chardin afirma que “somos seres espirituais vivendo uma experiência terrena”⁸. Para compreender essa afirmação, é necessário passar por três janelas.

2.4.1. Primeira janela – Sociedade da melancolia

Ao passar por essa janela, devemos nos perguntar: qual tempo e civilização estamos construindo no presente para o futuro? Aqui, podemos aprender com o poema de Dom Hélder Câmara intitulado “Verbos prediletos”⁹ (Câmara, online), no qual ele enfatiza que o ser humano nunca deveria conjugar os verbos odiar, sobrar, intrigar e julgar. Em contrapartida, é imprescindível conjugar os verbos perdoar, dialogar, compreender, amar, doar, partilhar e comungar, evidenciando a generosidade, a compaixão e a solidariedade na edificação de um mundo melhor. Infelizmente, conjugar esses verbos representa um grande desafio a ser conquistado.

A expressão “sociedade da melancolia” refere-se ao aumento de casos de depressão, ansiedade e outros transtornos mentais. Entre as causas desse fenômeno, destaca-se o individualismo e a solidão, os quais tornam as relações interpessoais cada vez mais superficiais, fazendo com as pessoas se sintam isoladas, mesmo quando estão conectadas virtualmente (cf. Han, 2017, p. 93-94). Outro aspecto a ser considerado é a sobrecarga de informações e consumo constante de notícias negativas, conteúdos violentos, problemas sociais e os desastres naturais, que geram sentimentos de desesperança e impotência.

Para combater a sociedade da melancolia, é essencial investir em políticas públicas voltadas para a saúde mental de todos os indivíduos, e não apenas de uma parcela da população. A promoção de uma mudança cultural que questione a valorização do ser humano, o

⁸ O pensamento é atribuído a Teilhard de Chardin, mas não há fontes que confirmem essa autoria.

⁹ O poema completo está em anexo.

autocuidado, a empatia, as relações verdadeiras e o equilíbrio entre trabalho, oração, família e lazer é fundamental.

2.4.2. Segunda janela – Sentimento de pertença

Tem-se tornado difícil encontrar pessoas que assumem compromissos nas comunidades de fé. Embora participem, muitas não se comprometem, criticam o trabalho alheio e raramente se dispõem a ajudar ou a fazer melhor. A ausência de um verdadeiro sentimento de pertença, seja no âmbito religioso, familiar ou social, faz com que as pessoas vivam de forma isolada, como se fossem couves-flores, só para si, apodrecendo com seus próprios talentos. Nos afirma Lestinge:

A priori esse conceito – pertencimento – pode nos remeter a, pelo menos, duas possibilidades: uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política, étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do 2º sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata e subjetiva (Lestinge, 2004, p. 40).

Assumir o sentimento de pertença implica entender que o ser humano deve se comportar como uma rosa que se abre para receber a luz do sol, a chuva e a visita das abelhas, permitindo que o seu perfume percorra o olfato daqueles que a cercam. Portanto, pertencer é optar pelos frágeis e por aqueles que se isolam, pois todas as dimensões mais belas e profundas do ser humano nascem do coração.

2.4.3. Terceira janela – Opção pelos mais frágeis

Uma célebre frase de autoria desconhecida nos diz que “há pessoas que são tão pobres que só tem dinheiro”. Estes são indivíduos que carregam uma pobreza interior, egoísta e existencial, incapazes de enxergar além de si mesmos. Fazer a opção pelos mais frágeis é reconhecer a humanidade em si mesmo e no outro.

Essa terceira janela é desafiadora, pois instiga o ser humano a sair do seu comodismo e a atender às necessidades do próximo, acolhendo suas misérias e mazelas. A decisão se torna um ponto central dessa ação, lembrando que quem decide pode errar, mas quem opta por não decidir já

cometeu um erro. O ser humano é formado por três aspectos distintos: o genético, o cultural e o princípio de autodeterminação, pois, ele é um ser de valores¹⁰.

Ao comparar o ser humano aos animais, podemos extrair valiosas lições. Por exemplo, os felinos, ao darem à luz, têm filhotes que nascem com os olhos fechados, os quais se abrem ao longo do tempo. Já o ser humano nasce com os olhos abertos, mas, ao longo da vida, tende a fechá-los em razão de um egocentrismo. Muitas vezes, ele passa a ver o outro como uma ameaça; a pertença a uma religião diferente, a torcida por outro time ou a filiação a um partido diverso tornam-se motivos para exclusão e julgamentos.

A espiritualidade, à luz dessa cultura do encontro e ao atravessar essas três janelas, leva o ser humano a entender que ela não consiste em um simples encontro, mas sim em uma constante busca, em um contínuo estar a caminho. A Eucaristia, por exemplo, nunca foi concebida como um mérito destinado apenas aos “santos”; ela é o viático, o pão para a jornada. Portanto, a espiritualidade vivenciada ao longo do caminho revela-se na experiência pessoal de quem está disposto a se transformar.

Considerações parciais

Quanto mais espiritual uma pessoa se torna, mais ela se comove e se compromete com as dores e alegrias do próximo. Essa pessoa se torna generosa e amorosa, ajudando sem esperar nada em troca. O que foi abordado neste capítulo pode ser resumido nos seguintes pontos:

- I. Mudar o foco, ou seja, olhar a espiritualidade a partir de diferentes lentes, adotando uma postura aberta ao diálogo com aqueles que pensam de forma divergente.
- II. Reconhecer as fraquezas diante dos obstáculos e recordar que não se é o detentor da verdade absoluta; a verdade de uma pessoa pode não ser a verdade da outra. O respeito é essencial para a construção da espiritualidade dentro do contexto social em que está inserido.
- III. Aprender a sorrir de si mesmo. É necessário reconhecer que muitos eventos na vida são carícias e formas que Deus utiliza para ensinar e corrigir erros. Muitas vezes, o ser humano acredita que o mundo gira ao seu redor, sem perceber que, sendo presente ou ausente, o mundo continuará a existir. Não adianta estressar-se, isolar-se ou sentir-se o excluído na família; é preciso ser autêntico e se permitir ser amado pelo que é.

¹⁰ O ser humano é influenciado por fatores genéticos, uma vez que possui características herdadas que impactam seu desenvolvimento, como predisposições a determinadas doenças ou aptidões. No aspecto cultural, o ser humano é moldado pelo ambiente em que vive, onde incorpora valores, normas, crenças e práticas sociais. A cultura exerce uma influência significativa sobre sua forma de pensar e agir na sociedade. Por fim, a autodeterminação, entendida como a capacidade de tomar decisões e agir com base em seu próprio entendimento e vontade, é fundamental para a formação da identidade pessoal e o desenvolvimento do caráter (cf. Vygotsky, 1991, p. 29-58).

IV. Aceitação. É imprescindível aceitar-se, pois “aquilo que não é assumido, não pode ser redimido”. É fundamental perdoar-se, para ser capaz de perdoar o outro. Se a pessoa não reconhece suas próprias limitações e finitudes, jamais aceitará as limitações dos demais. A autoaceitação é um caminho para a liberdade, sem abdicar da responsabilidade.

V. Gratidão. Ser grato é uma tarefa desafiadora, pois o ser humano tende a reclamar da vida, desejando que “venha a nós o teu reino”. Reconhecer que tudo é graça é uma virtude e é, ao mesmo tempo, uma bênção. Muitas pessoas perdem tempo murmurando sobre a vida, queixando-se do calor ou do frio, do trabalho ou da falta de emprego, enquanto poucos agradecem o dom da vida que lhes é concedido a cada novo dia e por tudo o que possuem.

VI. Compaixão. Do latim “*cum-passio*”, significa “padecer com” a dor e o sofrimento do outro, cultivando empatia em relação ao próximo.

VII. Generosidade. Os cristãos são chamados a ser transmissores da generosidade, sempre com um semblante alegre. Como diz o Papa Francisco, “a alegria não é um adorno inútil, mas exigência e fundamento da vida humana. Nas preocupações de cada dia, todo o homem e mulher procura alcançar a alegria e permanecer nela com todo o seu ser”¹¹ (Francisco, 2014, 3). A generosidade, juntamente com a alegria, traz contentamento aos demais.

Portanto, esse itinerário é complexo, porém enriquecedor, pois desperta no ser humano a consciência de que é mais fácil fazer uma experiência de Deus ao se aproximar do próximo¹². Nesta proximidade, a sociedade do vazio deixará de existir, uma vez que o ser humano reconhecido como prioridade, é conduzido para Cristo, que é a centralidade da vida. A espiritualidade emerge como uma busca necessária; por isso, é vital reconectar-se com a própria identidade, ressignificando e enfrentando a angústia, encontrando desse modo um equilíbrio saudável na vida. O Ethos será respeitado, refletindo o modo de ser do ser humano, além de seus valores e comportamentos em relação aos semelhantes e à sociedade. Por fim, a sociedade do encontro trará consigo a alegria do estar juntos, do caminhar juntos e de ser irmãos.

¹¹ ALEGRAI-VOS - Carta Circular aos Consagrados e Consagradas. *Do Magistério do Papa Francisco*. 2014.

¹² Não referimos somente às pessoas, mas também a natureza e coisas físicas que convivemos.

CAPÍTULO III

EVIDENCIAR A RELEVÂNCIA PASTORAL DA ESPIRITUALIDADE A PARTIR DOS DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II

3.1. Introdução

Neste capítulo, abordaremos a espiritualidade a partir de alguns documentos do Concílio Vaticano II, reconhecendo que alguns estudiosos questionam a ausência de um tratamento direto desse tema. No entanto, o Concílio enfatizou aspectos novos que promovem a vivência participativa e ativa dos fiéis na espiritualidade cristã, especialmente no que concerne ao relacionamento entre o ser humano e Deus. Essa experiência mística, por sua vez, concretiza uma relação com o outro e com o mundo (cf. Passos; Sanchez, 2015, p.366).

O Concílio Vaticano II buscou tratar da vida espiritual da Igreja em diversas perspectivas: na litúrgica (SC), na valorização da Palavra de Deus (DV), no chamado à santidade na Igreja (LG); na abertura da Igreja ao mundo e à história (GS) e na dimensão eclesial, comunitária e missionária (AG). Neste trabalho, refletiremos principalmente sobre dois documentos: a “*Gaudium et Spes*” e o decreto “*Ad Gentes*”.

O documento *Gaudium et Spes*, também conhecido como “*Alegria e Esperança*”, aborda a relação da Igreja Católica com o mundo atual. Este documento reflete sobre grandes temáticas, como questões sociais, econômicas, políticas e culturais. Todas essas questões, a partir do comportamento humano, englobam a dimensão da espiritualidade, destacando a importância do respeito à dignidade humana, à liberdade religiosa, à justiça social e à paz. Nos afirma o documento:

Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus. A fé, com efeito, esclarece todas as coisas com luz nova. Manifesta o plano divino sobre a vocação integral do homem. E por isso orienta a mente para soluções plenamente humanas (GS, 11).

A *Gaudium et Spes* apresenta a Igreja como “Mistério”, “Comunhão” e “Povo de Deus”, enfatizando que a Igreja é uma comunidade de diálogo e, simultaneamente, de escuta. Ela escuta e dialoga com as culturas, com a ciência e com a sociedade contemporânea, reinterpretando a

autenticidade da fé dentro da comunidade eclesial. O documento chama a atenção para uma Igreja aberta aos “sinais dos tempos”, levando em consideração às épocas e culturas. Por fim, a Igreja deve se adaptar e responder aos desafios e às oportunidades do mundo atual, mantendo presente a visão messiânica na história da humanidade e da própria Igreja. Assim, “representa uma grande abertura da espiritualidade diante do mundo, da sociedade, e dos valores humanos e culturais” (Carli, 2021, p.60).

Outro documento que analisaremos é o decreto “Ad Gentes”, que apresenta a atividade missionária da Igreja e a responsabilidade de levar a mensagem de Cristo a todas as nações. Viver a missão implica compreender a espiritualidade de maneira “pé no chão”, isto é, dentro do contexto temporal e espacial humano, e não como algo alheio à realidade. O Papa Francisco fala de uma Igreja em saída (cf. EG, 24), uma Igreja que deve sair de si mesma para levar Jesus Cristo ao mundo, reconhecendo que a missão não é da Igreja, mas do próprio Deus, que chama, fortalece, exorta e envia. O Decreto Ad Gentes nos recorda:

Esta missão no decurso da história continua e desdobra a missão do próprio Cristo, enviado a evangelizar os pobres. Eis por que a Igreja, impelida pelo Espírito de Cristo, deve trilhar a mesma senda de Cristo, isto é, o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si até à morte, da qual saiu vencedor por sua ressurreição. Pois assim na esperança caminharam todos os Apóstolos, e por suas muitas tribulações e paixões completaram o que falta aos sofrimentos de Cristo por seu Corpo, a Igreja. Muitas vezes foi também semente o sangue dos cristãos (AG, 5).

O decreto “Ad Gentes” exorta todos os crentes a perceberem a Igreja como sacramento universal de salvação, pois sua missão é proclamar o Evangelho a todos os seres humanos, salvando e renovando toda a criação, preparando-a para a Parusia (cf. AG, 1). Assim, Deus utiliza a Igreja para salvar a humanidade por meio da unidade do povo. Nos dias de hoje, é necessária uma mudança de mentalidade e de atitudes para viver uma espiritualidade missionária, uma verdadeira Igreja em saída. Pois,

Não se pode compreender a espiritualidade do concílio em pauta como ruptura com a espiritualidade tradicional, mas como fórmula renovada dos princípios doutrinários. O evento conciliar retoma da Tradição os elementos que, há muito tempo, já não alimentavam os cristãos como a importância da Palavra de Deus, o significado do sacerdócio universal dos batizados e a vocação de todos à santidade (Carli, 2021, p.59).

Portanto, ao evidenciar a relevância pastoral da espiritualidade a partir dos documentos do Concílio Vaticano II, buscaremos entender as incertezas que se manifestaram de forma autêntica em um enfraquecimento da fé no mundo moderno. Em um tempo de mudança,

observou-se um aumento significativo de preocupações, assim como um renovado entusiasmo por esperanças. As preocupações decorrem do rápido progresso do mundo, da secularização e da vasta pluralidade. Nesse contexto, a esperança despertou a Igreja para a abertura a novos horizontes, fundamentando-se nos princípios teológicos e espirituais para responder à modernidade, renovando a unidade entre fé e a vida cristã.

3.2. A Espiritualidade na Constituição *Gaudium et Spes*

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* foi o último documento aprovado pelo Concílio Vaticano II e pode ser considerada uma síntese de todos os documentos anteriores. Após o Concílio Vaticano II refletir as dimensões relacionais da Liturgia e Povo de Deus na *Sacrosanctum Concilium*; da Palavra de Deus na *Dei Verbum*; e do chamado à Santidade na *Lumen Gentium*, a *Gaudium et Spes* concretiza tudo isso, partindo da Igreja para o mundo.

Tratar da espiritualidade dentro da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*¹³ não é uma tarefa fácil, uma vez que o documento em questão não aborda a temática de maneira direta. Podemos refletir sobre este documento a partir de três eixos: a Espiritualidade na experiência da comunidade; a Espiritualidade e os Sinais dos Tempos; e a Espiritualidade e a Opção Preferencial pelos Pobres. Antes de tudo, é fundamental compreender a razão pela qual foi escolhido o título “Alegria e Esperança” para esta Constituição.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história (GS, 1).

¹³ Ibid. Proêmio GS. A Constituição pastoral «A Igreja no mundo actual», formada por duas partes, constitui um todo unitário. E chamada «pastoral», porque, apoiando-se em princípios doutrinários, pretende expor as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje. Assim, nem à primeira parte falta a intenção pastoral, nem à segunda a doutrinária. Na primeira parte, a Igreja expõe a sua própria doutrina acerca do homem, do mundo no qual o homem está integrado e da sua relação para com eles. Na segunda, considera mais expressamente vários aspectos da vida e da sociedade contemporâneas, e sobretudo as questões e os problemas que, nesses domínios, padecem hoje de maior urgência. Daqui resulta que, nesta segunda parte, a matéria, tratada à luz dos princípios doutrinários, não compreende apenas elementos imutáveis, mas também transitórios. A Constituição deve, pois, ser interpretada segundo as normas teológicas gerais, tendo em conta, especialmente na segunda parte, as circunstâncias mutáveis com que estão intrinsecamente ligados os assuntos em questão.

A escolha do título “Alegria e Esperança” reflete a profunda preocupação da Igreja com os fiéis, sendo esses dois temas essenciais para a mensagem que o Concílio desejava transmitir. O objetivo era irradiar alegrias e esperanças para o mundo moderno, estabelecendo uma ponte entre a Igreja e a sociedade, que se encontrava e ainda se encontra em uma constante transformação. Como afirma Moraes: “Reconhecer os “sinais dos tempos” e discerni-los é, portanto, o que concede à teologia seu estatuto de discursos autorizado sobre Deus e ao mesmo tempo, ao interpretar tais sinais, ser a “boca de Deus” em cada tempo e acontecimento histórico” (Moraes, 2024, p. 46).

Desenvolver um diálogo com o mundo é uma forma de demonstrar que a Igreja continua viva e presente na sociedade contemporânea. Assim, as atitudes da Igreja falam muito mais sobre si mesma e sua espiritualidade do que permanecer presa ao discurso do “isso pode e isso não pode”. A Constituição destaca a seguinte reflexão; “o que une entre si os fiéis é bem mais forte do que o que os divide: haja unidade no necessário, liberdade no que é duvidoso, e em tudo caridade” (GS, 92), evidenciando a distância que ainda temos para compreender plenamente essa verdade.

Mas existe uma espiritualidade neste documento? Ao aprofundarmos nossa leitura da Constituição *Gaudium et Spes*, é possível perceber que, existe uma espiritualidade centrada na missão da Igreja de se envolver ativamente no mundo, promovendo a justiça, a solidariedade e, principalmente, o diálogo entre as diferentes culturas e religiões.

3.2.1. A Espiritualidade na experiência da Comunidade

A Constituição *Gaudium et Spes* busca construir um mundo mais justo e fraterno, refletindo esta missão na vida dos crentes e engajando-os nas questões sociais, na defesa dos direitos humanos, entre outras temáticas já mencionadas anteriormente. O documento desafia os fiéis a vivenciarem a fé de forma ativa no mundo, tornando-se colaboradores na construção de uma sociedade mais acolhedora e solidária (cf. GS, 4). Na carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, o Papa João Paulo II exortava os cristãos “há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se co-aduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação [...]” (João Paulo II, 2001, 52).

Embora o cristianismo tenha crescido em números de membros, tem sido observado um declínio no testemunho do evangelho. Isso ocorre porque não é possível dialogar e transformar o mundo se os cristãos não vivenciam primeiramente uma fé que se desenvolve na experiência na espiritualidade comunitária. A Constituição *Gaudium et Spes* exorta a Igreja e o mundo a

uma convivência fraterna e solidária, uma vez que “o homem é, com efeito, por sua natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver nem desenvolver seus dotes” (GS, 12). Assim, a espiritualidade, a vida de oração e a condição de ser cristão devem se manifestar em ações concretas capazes de transformar o mundo.

A Igreja, no âmbito religioso e espiritual, enfrenta o perigo sutil de vivenciar um novo gnosticismo e pelagianismo. Existem crentes que se fecham à ação do Espírito de Cristo, dedicando-se apenas a posturas espirituais. Tornando-se inimigos da santidade, não conseguem viver uma vida de fé e amor; infelizmente, “o homem¹⁴ está dividido em si mesmo” (GS, 13). O Papa Francisco tem alertado os crentes sobre o cuidado com o egocentrismo, quando observa que “no fundo [a pessoa], só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado” (EG, 94).

O ser humano, ao criar uma falsa confiança em si mesmo, rompe qualquer vínculo de comunhão, posicionando-se sempre como superior. É nesse contexto que “o pecado [...] diminui o próprio homem, impedindo-o de conseguir a plenitude” (GS, 13). Aqueles que cultivam esse sentimento de superioridade começam a julgar e condenar todos os que pensam e agem de forma diferente (cf. GS, 28), dificultando o acesso dos outros à graça, enquanto passam o tempo analisando e classificando para melhor controlar. Que espiritualidade é essa e até que ponto ela ajuda o ser humano em sua vida cotidiana?

Quando ocorre essa ruptura com a comunhão, há uma recusa automática nas relações com Cristo. Ao buscar a salvação apenas por suas próprias forças e em estruturas pretensamente protegidas, o homem se fecha a um antropocentrismo que não permite a alteridade e o perdão. Em outras palavras, rejeita Jesus Cristo e a novidade do Espírito Santo, o qual estabelece novas relações com Deus, com o próximo e com a própria criação. O ser humano é chamado a ter consciência de que é conduzido por uma lei que deve obedecer, amando e fazendo o bem, pois esta lei foi escrita por Deus em seu coração (cf. GS, 16).

3.2.2. A Espiritualidade e os Sinais dos Tempos

Vejamos que a *Gaudium et Spes* usa a expressão “Sinais dos Tempos” para referir-se a eventos que revelam a ação de Deus na história. É diante desses eventos que a Igreja deve reconhecer e interpretar essa ação nas diversas áreas da vida. Uma vez que a espiritualidade é

¹⁴ Ao utilizarmos o termo “homem”, queremos referir a todo ser humano.

compreendida como a busca de sentido e conexão com o transcendente, a globalização, juntamente com os avanços tecnológicos e científicos, traz novos questionamentos éticos e existenciais que colocam à prova as tradições espirituais. A Constituição visa discernir esses sinais de transformação e fornecer respostas concretas a essas inquietações. Conforme nos afirma a *Gaudium et Spes*:

Para desempenhar tal missão, a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas, é necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole frequentemente dramática (GS, 4).

O mundo se encontra em uma mudança continua em todos os âmbitos, despertando na sociedade um desejo de saber tudo de forma rápida, simples e direta. No entanto, é preciso ter em mente que o ser humano vive uma vida de aprendizagem que segue um fluxo. Viver a espiritualidade a partir dos sinais dos tempos implica parar, observar e analisar à luz da fé, desenvolvendo um diálogo entre conhecimento e a revelação divina. Pois “o diálogo fraterno entre os homens não se realiza ao nível destes progressos, mas ao nível mais profundo da comunidade de pessoas, a qual exige o mútuo respeito de sua plena dignidade espiritual” (GS, 23). É a partir desse diálogo que a Igreja conseguirá reagir às mudanças e se engajar de forma ativa na transformação da sociedade.

A espiritualidade cristã é, portanto, uma espiritualidade de ação, como podemos observar em vários textos bíblicos. Os evangelhos nos apresentam que Jesus tinha uma intimidade com o Pai (cf. Jo 17,3), e frequentemente se retirava para orar (cf. Lc 6,12), mas sempre retornava ao meio do povo, aproximando-se daqueles que mais necessitavam da graça (cf. Lc 6,18). São essas obras concretas que promovem o bem-estar do próximo, o cuidado com o meio ambiente e a vivência da paz mundial. O mundo está enfrentando uma carência de solidariedade, e é esse amor cristão que tem a capacidade de mudar essa realidade.

Portanto, o discernimento do mundo contemporâneo não deve se limitar apenas aos líderes da Igreja, mas deve se estender a todos os fiéis, despertando um sentimento de pertencimento a este mundo como casa comum e, ao mesmo tempo, encorajando um envolvimento ativo nas questões sociais e espirituais que moldam nosso tempo. Ao refletir sobre a espiritualidade à luz dos sinais dos tempos, somos direcionados a um caminho de esperança e transformação, onde a fé se torna uma força de renovação e justiça, amor e paz. Afinal, “a natureza espiritual da pessoa humana encontra e deve encontrar a sua perfeição na sabedoria, que suavemente atrai o espírito do homem à busca e amor da e do bem, e graças à

qual ele é levado por meio das coisas visíveis até às invisíveis” (GS, 15). Que sejamos membros ativos na missão da Igreja, testemunhando a verdade e a esperança em um mundo marcado pela ausência de sentidos e propósitos.

3.2.3. Opção Preferencial pelos Pobres

A missão da Igreja é um serviço que deve ser prestado àqueles que mais necessitam, buscando restaurar sua dignidade (cf. GS, 40). A espiritualidade implica em uma atitude de solidariedade com os mais pobres e marginalizados, e, por isso, somos desafiados a nos colocarmos no lugar do outro, pois “todas as vezes que fizestes isto a um desses meus irmãos menores, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Temos nos preocupados com frequentemente com a oração expressa nas mais belas palavras; no entanto, temos dificuldade de colocá-las em prática no dia a dia. A espiritualidade se desenvolve a partir da junção do orar e do agir, e isso é evidente em todo o percurso realizado por Jesus e seus discípulos. Observemos que:

À imitação de Cristo que percorria todas as cidades e aldeias, curando toda doença e enfermidade em sinal da vinda do Reino de Deus, a Igreja por seus filhos se liga aos homens de qualquer condição e particularmente aos pobres e aflitos, dedicando-se a eles prazerosamente. Compartilha de suas alegrias e dores, conhece as aspirações e problemas da vida, e compadece-se deles nas angústias da morte (AG, 12).

Na época de Jesus, os pobres e todos aqueles que possuíam enfermidades ou deficiências eram considerados malditos. As pessoas, alienadas pelos mestres da Lei, não apenas pensavam, como afirmavam que esses indivíduos eram castigados por Deus devido a seus pecados ou aos pecados de seus pais. No entanto, Jesus atua em contramão a essa ideologia, como nos afirma em Lucas 14,12-14:

Em seguida disse àquele que o convidara: “Ao dares um almoço ou jantar, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos; para que não te convidem por sua vez e te retribuam do mesmo modo. Pelo contrário, quando deres uma festa, chama pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás então, porque eles não têm com que retribuir, serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos”.

Jesus demonstra uma predileção pelos excluídos da sociedade e do Templo. Esta mesma atitude deve ser adotada pelos cristãos diante de uma sociedade tão injusta e tão capitalista. Vejamos que a Igreja “[...] revela ao homem o sentido de sua própria existência, a saber, a verdade essencial a respeito do homem” (GS, 41). Nos últimos tempos, temos observado a alarmante propagação do ódio, da intolerância e, principalmente, da discriminação contra os

mais vulneráveis, ações estas frequentemente perpetradas por aqueles que se denominam “cristãos”. Jesus se aproxima dos pobres não para julgá-los, mas para perdoá-los, acolhê-los, curar suas feridas e, por fim, devolver-lhes a dignidade, mostrando, desse modo, que Deus os ama e não os abandona. A *Gaudium et Spes* nos afirma:

Descendo as consequências práticas e mais urgentes, o Concílio inculca o respeito ao homem; que cada um respeite o próximo como “outro eu”, em excetuar nenhum, levando em consideração antes de tudo a sua vida e os meios necessários para mantê-la dignamente, a fim de não imitar aquele rico que não teve nenhum cuidado com o pobre Lázaro (GS, 27).

Infelizmente, muitos cristãos têm evitado o contato com os pobres, motivados por medo, preconceitos e interesses pessoais. Neste sentido, Jesus provocou decepções nos mestres da lei e nos fariseus ao se aproximar dos pobres e excluídos e sentar-se com eles. Hoje, um cristão que adota essa mesma atitude de Jesus acaba despertando revolta e grandes reboiços dentro da comunidade cristã, como nos recorda Bento XVI na homilia da beatificação de João Paulo II: “o homem é o caminho da Igreja, e Cristo é o caminho do homem” (Bento XVI, 2011).

Portanto, a oração e a espiritualidade não devem ser utilizadas para atacar, ferir e causar desunião entre as pessoas; ao contrário, devem servir para confortar, renovar a esperança e a fé, aproximando-as de Deus. Isso implica desenvolver uma experiência que permita uma relação entre o Criador e a criatura, na qual Deus se revela como um Pai amoroso e cuidadoso para com o filho que necessita de amor e atenção.

3.3. A Espiritualidade a partir do Decreto *Ad Gentes*

O decreto *Ad Gentes*, como já mencionado, é um documento do Concílio Vaticano II que fundamenta a missão da Igreja Católica de levar a Boa-Nova a todas as nações (cf. AG, 4). É necessário ter consciência de que a missão ocorre em conjunto com os contextos históricos e sociais, bem como, com a cultura local (cf. AG, 11); ou seja, é imprescindível a inculturação¹⁵ para que uma evangelização eficaz se concretize. Desse modo, torna-se possível sentir e viver uma espiritualidade do encontro.

A pessoa é um ser espiritual, constituído como tal por uma forma de subsistência e de independência no seu ser; mantém esta subsistência com a sua adesão a uma

¹⁵ É o processo de integração ou adaptação de elementos culturais de uma sociedade ou grupo, geralmente relacionado à introdução de novas ideias, valores e práticas em uma cultura existente. Esse termo pode ser aplicado em diversos contextos, como na antropologia, sociologia, teologia, religião e educação, e está relacionado à interação e influência mútua entre diferentes culturas.

hierarquia de valores livremente adotados, assimilados e vividos em compromisso responsável e em constante conversão; unifica assim toda atividade na liberdade e desenvolve por acréscimo, impulsos de atos criadores, a singularidade da sua vocação (Silva; Junior, 2010, p. 114).

Para que uma missão evangelizadora aconteça de fato, é fundamental ter como base uma espiritualidade que nos nutra e nos conduza diante dos desafios da sociedade contemporânea. Para uma melhor compreensão do Decreto *Ad Gentes*, refletiremos dois aspectos importantes: Espiritualidade Missionária e Espiritualidade e Diálogo Intercultural. Essas duas temáticas são expressões fundamentais na vida cristã, pois, devem transcender os limites da palavra, se manifestando nas atitudes que conduzem à ação evangelizadora.

O chamado missionário, expresso de maneira profunda nos documentos como o Decreto *Ad Gentes*, exige uma renovação interior do cristão, que deve estar disposto a renunciar a si mesmo em prol do próximo. Esta missão não se limita a uma mera ação institucional, mas deve se configurar a uma vivência cotidiana de fé. A vivência dessa espiritualidade é indissociável do exemplo pessoal que se concretiza no cultivo genuíno da experiência com Deus.

O contexto contemporâneo, marcado pela diversidade cultural e religiosa, apresenta desafios significativos à Igreja, que, ao abraçar a missão evangelizadora, deve também se abrir ao diálogo intercultural. O respeito pelas diferentes culturas e a busca por um entendimento mútuo são cruciais para a construção de uma evangelização que, longe de ser impositiva, seja enriquecedora e inclusiva. O Decreto *Ad Gentes* nos exorta a uma adaptação respeitosa às tradições culturais e o diálogo intercultural, portanto, é um caminho para a evangelização transformadora, onde a espiritualidade missionária se converte em instrumento de justiça, paz e reconciliação, como veremos a seguir.

3.3.1. A Espiritualidade Missionária

Ser missionário é ser capaz de anunciar Jesus Cristo não apenas através de palavras, mas, fundamentalmente, através de atitudes. Sair do comodismo é uma tarefa difícil, especialmente quando isso implica ir ao encontro daqueles que são ou pensam de maneira diferente. “Por isso, deve estar preparado a dedicar a vida à vocação, a renunciar a si e a tudo o que até então considerou seu, e a fazer tudo para todos” (AG, 24). Muitas vezes, a espiritualidade é reduzida a “momentos de oração pessoal ou comunitária”, e assim o crente não assume um compromisso efetivo com o próximo, tornando-se como o apóstolo Pedro, que exclamou: “Senhor, é bom estarmos aqui” (Mt 17,4). Os crentes, ao se encontrarem no “êxtase

da oração”, acabam esquecer a missão. “Pois assim na esperança caminharam todos os Apóstolos, e por suas muitas tribulações e paixões completaram o que falta aos sofrimentos de Cristo por seu Corpo, a Igreja. Muitas vezes também semente o sangue dos cristãos” (AG, 5).

A espiritualidade missionária tem como objetivo ser uma expressão da vida de Cristo, que vai ao encontro do próximo, levando-o a se comprometer com uma mudança de vida, tornando-se responsável pela evangelização. Isso porque “quando Deus chama, deve o homem responder-Lhe de tal modo que, sem mesmo atender a cerne e ao sangue, se ligue de corpo e alma à obra do Evangelho (AG, 24). Quando vivenciamos uma verdadeira experiência espiritual com Cristo, somos impulsionados a compartilhar nossa fé com os outros, como aconteceu com Paulo, que, a caminho de Damasco, ao ter um encontro com Cristo, deixou de ser perseguidor e passa a ser um evangelizador (cf. At 9,20-21). Essa missão não é apenas uma atividade da Igreja, mas uma dimensão essencial da vida cristã.

Um outro aspecto importante para compreender a dimensão da espiritualidade no Decreto Ad Gentes é conexão com a Carta Apostólica *Maximum Illud* do Papa Bento XV, que nos ensina:

É necessário que seja um homem de Deus aquele que prega Deus; e odeie o pecado aquele tal ódio ensina. Especialmente junto dos pagãos, que são guiados mais pelo instinto que pela razão, é muito mais proveitosa a pregação do exemplo que a da palavra. Ainda que o Missionário seja dotado dos melhores dotes de mente e coração, mesmo que seja cheio de doutrina e cultura, se estas qualidades não aparecerem associadas a uma vida santa, bem pouca ou mesmo nenhuma eficácia terão para a salvação dos povos; antes, na maior parte dos casos, causarão dano ao próprio e aos outros (Bento XV, 1919).

A vivência da espiritualidade e da missão ocorre em comunhão com o testemunho de vida. A busca pela intimidade com Deus deve sempre levar o crente a uma proximidade com seu semelhante, sem preconceitos, sem imposições e, principalmente, sem fechamento para a escuta, o conhecimento e a experiência que o outro possui e pode agregar ao crescimento e amadurecimento de ambos e da própria missão (cf. Fiores; Goffi, 1993, p.345). Ser um homem de Deus requer renúncias, escuta, diálogo e meditação diante das dificuldades que surgem. Em outras palavras, “imbuído de fé viva e de esperança inabalável, seja o missionário um homem de oração” (AG, 25).

Quando a Igreja, através de suas encíclicas, decretos e cartas, chama a atenção para uma Igreja missionária, é sinal de que há algo errado com aqueles que se dizem cristãos. Se de fato os crentes fossem missionários, viveriam uma espiritualidade profunda, concretizada no

encontro com o outro, no diálogo e na escuta, na disponibilidade e na doação, sem interesses materiais ou mesmo espirituais. Essas ações que deveriam ser realizadas com amor, por amor e para amor, e isso é difícil, pois exige desprendimento de vários âmbitos da vida. Como nos exorta o Decreto *Ad Gentes*:

Toda a Igreja é missionária e a obra de evangelização, o dever fundamental do Povo de Deus. Eis por que o Santo Sínodo convida todos à profunda renovação interior para fazendo-se vivamente conscientes da própria responsabilidade na difusão do Evangelho, tomarem o devido lugar na obra missionária entre os povos (AG, 35).

Uma das grandes problemáticas para a vivência desse Decreto é a falta de base ou experiência de Deus que o missionário não teve ou não tem. Sua pregação e seu exemplo de vida acabam sendo vazios, sem sentido, revelando, sob camadas de interesses pessoais, a busca por reconhecimento e “likes” nas redes sociais. Muitas vezes, são pessoas dominadas pelo ego, permitindo-se a uma escravidão egoísta. O Papa Francisco nos apresenta uma crítica a essa situação: “o individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade” (FT, 105). Mas será que, de fato, queremos viver uma fraternidade com o outro que pensa e age diferente?

Para vencer as barreiras que surgem na caminhada missionária, todos nós, batizados missionários, somos chamados a cultivar uma relação profunda com Deus, por meio de uma vida constante de oração, alimentada pela Eucaristia e pela Confissão. A espiritualidade missionária é marcada pelo desejo de levar a salvação a todos, pois “cada discípulo de Cristo tem sua parte na tarefa de propagar a fé” (AG, 23). Somos convidados a ultrapassar as fronteiras, sejam elas geográficas, linguísticas e ou culturais. É preciso estar aberto à ação transformadora do Espírito Santo.

3.3.2. A Espiritualidade e o Diálogo Intercultural

O Documento destaca a importância do diálogo com as diferentes culturas e religiões, algo que ainda representa um grande desafio para a Igreja. Muitos compreendem e defendem que esse diálogo deve monólogo, no qual somente um lado fala e o outro escuta e obedece. No entanto, todos buscamos a verdade, e são as diferenças culturais e culturais que enriquecem a experiência espiritual, ao mesmo tempo promovem uma evangelização que respeita a diversidade, contribuindo para a construção de um mundo justo e fraterno. A *Ad Gentes* afirma:

Também se verá como é possível adaptar os costumes, os modos de vida e a ordem social aos procedimentos indicados pela revelação divina. Daí se abrirão caminhos para uma mais profunda adaptação em todo o âmbito da vida cristã. Esse modo de agir afastará toda espécie de sincretismo e falso particularismo, acomodará a vida cristã ao modo e índole de qualquer cultura. As tradições particulares de cada geração, aclaradas pela luz do Evangelho, virão acrescentar-se à unidade católica (AG, 22).

Vejamos que o mundo contemporâneo está caracterizado por uma grande diversidade de culturas, as quais vêm acompanhadas de tradições, idiomas e valores. A Igreja, enquanto comunidade missionária, deve ser um espaço de diálogo e encontro com essas culturas, valorizando suas tradições e modos de vida. Ao manter essa abertura, cria-se a oportunidade de promover formações que reflitam a diversidade da criação de Deus, bem como a partilha de conhecimentos e experiências que cada pessoa carrega, conforme sua própria realidade (cf. AG, 15).

O diálogo permite uma melhor compreensão das culturas, tornando-nos pontes de encontro e não de divisão. Como nos destaca a *Ad Gentes*, “deste modo o amor a Deus e ao próximo ajuda os homens a alcançarem a salvação” (AG, 12). Ao manter uma escuta atenta, sensível e respeitosa das experiências e narrativas culturais dos outros, percebemos que, na vivência religiosa e espiritual do outro, existem valores e verdades que podem ser integrados à compreensão cristã. Quando dialogamos e compartilhamos experiências, realizamos uma autoavaliação de nossa fé, crença e práticas. Neste contexto, é necessário recordar o que nos ensina a *Ad Gentes*:

Reconheçam-se como membros do corpo social em que vivem, e tomem parte na vida cultural e social através das várias relações e ocupações da vida humana ponto familiarizem-se com suas tradições nacionais e religiosos. Com alegria e respeito descubram as sementes do Verbo aí ocultas. Também atendam à profunda transformação que se realiza entre os povos (AG, 11).

Portanto, no âmbito deste diálogo intercultural, promovemos justiça, paz e reconciliação (cf. AG, 12). O Decreto *Ad Gentes* nos exorta a sermos agentes de transformação, tendo a espiritualidade como base para discutir questões sociais e resolver conflitos. Por isso, o desafio de evangelizar em um mundo plural exige que adotemos uma postura aberta e respeitosa em relação às diferentes culturas. A espiritualidade, que anima a missão, além de ser um suporte interno, constitui um compromisso ativo na construção de pontes de compreensão e respeito.

Considerações parciais

Ao longo deste capítulo, buscamos evidenciar a relevância pastoral da espiritualidade, conforme apresentada nos documentos do Concílio Vaticano II, em particular nas Constituições “*Gaudium et Spes*” e no Decreto “*Ad Gentes*”. A espiritualidade, além de ser uma experiência íntima e individual, é também um compromisso coletivo que engaja a Igreja em sua totalidade em um diálogo ativo com o mundo. Como ressalta Souza, “o ser humano é chamado a ser sujeito na história da salvação e não um mero coadjuvante” (Machado, 2024, p. 226).

Esses documentos promovem uma espiritualidade que ultrapassa a interioridade, indo ao encontro da ação no mundo, especialmente a partir dos “sinais dos tempos”. A Constituição *Gaudium et Spes* pode ser vista como um chamado de atenção à Igreja, com o objetivo de despertar para a realidade, identificando as angústias e lutas da sociedade atual, ao mesmo tempo que busca responder de forma concisa a tais questionamentos. Pois, a Igreja, “longe de diminuir o homem, a sua mensagem contribui para o seu bem, difundindo luz, vida e liberdade” (GS, 21). Essa espiritualidade, que busca integrar a oração e a ação, é crucial para a construção de uma Igreja que seja tanto acolhedora quanto missionária, capaz de responder aos desafios do mundo plural e em transformação.

O decreto *Ad Gentes*, por sua vez, reafirma a missão da Igreja como um chamado universal para levar a mensagem de Cristo a todos os povos, enfatizando a necessidade de uma espiritualidade missionária que ressoe com a realidade local e cultural. Essa perspectiva desafia os crentes a ultrapassarem os limites, vencendo os preconceitos, e a abraçarem uma prática de fé que se manifesta na solidariedade e na justiça, acompanhando aqueles que mais necessitam. Como nos afirma o Dicionário do Concílio Vaticano II:

O Concílio Vaticano II é certamente o marco maior dentro das fronteiras do cristianismo histórico e constitucional para que a espiritualidade cristã possa alcançar voos maiores e respirar ares mais puros nestes tempos em que se configura uma nova cultura para um mundo globalizado (Passos; Sanchez, 2015, p.372).

Portanto, a espiritualidade apresentada, ainda que de forma indireta, pelos documentos do Concílio Vaticano II, é uma ferramenta vital para a renovação da fé e para o fortalecimento da atuação da Igreja no mundo contemporâneo. O chamado à ação é claro: os cristãos devem refletir sobre as suas verdades espirituais à luz das realidades modernas, tendo como ponto de partida o diálogo, o respeito e o amor. A vivência dessa espiritualidade não se limita a uma busca por um significado pessoal, mas constitui uma responsabilidade coletiva, que visa iluminar o caminho da humanidade em direção à justiça, à paz e ao serviço à vida em todas as

suas formas. Sendo assim, a espiritualidade se torna um poderoso motor para transformar não apenas as vidas individuais, mas também o tecido social de um mundo que anseia por esperança e mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Espiritualidade, frequentemente vista como um conceito abstrato ou confinado às práticas religiosas, ganha uma nova dimensão quando analisada através das lentes da vida de fé e da ação no mundo contemporâneo, ou seja, “não se trata, portanto, de falar da realidade como quem está “de fora”, como um espectador distante do palco da história” (Moraes, 2024, p. 34). É preciso fazer parte, assumindo as responsabilidades que o cristianismo nos cobra. O impacto do Concílio Vaticano II, especialmente em documentos como a *Gaudium et Spes*, revela a urgência de uma espiritualidade que não se limite a uma vivência pessoal, mas que se manifeste de maneira concreta nas sociedades atuais. Nos afirma Piendibene:

A teologia pastoral da *Gaudium et Spes*, através da lógica epistêmica implícita no discernimento dos sinais dos tempos [...] devolve ao método hermenêutico sua dimensão bíblica: buscar e encontrar a vontade divina no terreno da ação histórica concebida ao mesmo tempo como memória, vocação, resposta e missão (Piendibene, 2013, p.106).

Primeiramente, é preciso destacar que a espiritualidade cristã deve estar ancorada em experiências cotidianas e a religião tem um papel fundamental neste processo de crescimento espiritual e humano, pois, “quando [...] falta a religião no âmbito social, parecer haver maior desorientação, pois, as instituições religiosas, com suas doutrinas e ritos, buscam dar sentido e orientação a vida das pessoas” (Oliveira, 2021, p. 3). Em um mundo tão repleto de distrações e desafios, a prática da fé exige um compromisso genuíno, sendo necessário superar o egocentrismo em prol da coletividade. O distanciamento do individualismo e a promoção de comunidades solidárias são fundamentais para construir uma sociedade mais coesa e justa, se tornando um espaço onde “os fiéis vivam portanto muito unidos aos outros homens de sua época e procurem perceber perfeitamente suas maneiras de pensar e de sentir, expressas pela cultura” (GS, 62). Isso implica ainda, em um engajamento ativo em questões sociais que afetam o próximo, promovendo a transformação e o bem-estar coletivo.

Além disso, o contexto atual, marcado por um vazio existencial e uma busca incessante por gratificação imediata, evidencia a importância de encarar a espiritualidade como uma jornada de autoconhecimento. Neste sentido, a vivência espiritual nos convida a uma reflexão mais profunda sobre nós mesmos e sobre a realidade dos outros (cf. Silva; Junior, 2010, p. 121). A capacidade de se colocar no lugar do próximo e de buscar um sentido mais significativo na vida é uma resposta necessária às angústias e solidões que permeiam a sociedade contemporânea. Nos recorda Bernard:

O diálogo com Deus não se reduz, entretanto, a uma mera realidade interior, mas a relação interpessoal realiza-se por meio de uma situação objetiva. Uma vez que o homem é membro da Igreja e vive em um mundo histórico, toda a sua vida espiritual implica uma relação com o mundo que o condiciona e que, por sua vez, se torna o destinatário de uma operação humana ao mesmo tempo natural e sobrenatural (Bernard, 2014, p. 89).

Esse diálogo com Deus ganha um significado profundo em nossa vida, quando conseguimos fazer uma releitura da espiritualidade sob a perspectiva dos ensinamentos do Concílio Vaticano II, compreendendo desse modo a necessidade de uma ação pastoral que seja relevante e eficaz. A espiritualidade, ao iluminar a vida interna do fiel, deve também inspirá-lo a agir em prol da justiça e do diálogo intercultural, especialmente em favor dos marginalizados, pois, “o objeto da caridade é o próximo em sua realidade concreta e que possui em si a própria razão de ser” (Bernard, 2014, p. 132).

Em conclusão, a espiritualidade não deve ser encarada como um ideal distante ou um mero ornamentação da fé, mas como um caminho dinâmico e vital que se entrelaça com a vida cotidiana e os desafios da modernidade. Assim, ao integrar os ensinamentos do Concílio Vaticano II com as experiências humanas, torna-se evidente que o compromisso com a espiritualidade é uma necessidade premente, capaz de moldar não apenas a experiência de fé individual, mas também de contribuir para um mundo mais justo e solidário.

Anexo**Verbos Prediletos – Dom Hélder Câmara**

A verbos que jamais devemos conjugar,
um exemplo fácil de entender,
jamais conjuguemos o verbo odiar.
Deus é amor, o ódio é o anti-amor,
é o anti-Deus; como odiar
se o ódio nos afasta de Deus?

E além do mais o ódio envenena a nossa vida,
faz mal não só a nossa vida espiritual,
mas a nossa própria saúde física.

Outro verbo horrível que não deve existir
para nós é “sobrar”.

As pessoas idosas ou enfermas
têm a tentação de achar que estão sobrando.
A impressão de sobrar faz um mal terrível;
quem se une a Deus não sobra nunca,
não é inútil nunca.

Unida a Cristo, a criatura,
aparentemente mais inútil,
ajuda o mundo inteiro,
enviando a distância e de modo anônimo
a quem está um palmo do desespero.

Coragem, fé, Esperança e amor.

Verbo anticristão, e do qual devemos querer distância,
é intrigar. Já o verbo dividir,
se é consentido de intrigar é péssimo;
mas ao dividir abençoado,
repartir, não guardar só para si,
não se fechar no egoísmo.

Julgar é verbo que nos escapa;
Cristo avisou que não podemos julgar
e não adianta dizer que não julgamos.

Não podemos evitar de ver;
não julgamos, mas vemos.

E o que é que vemos?
Vemos a fachada, vemos a cara
e não vemos o coração.

Perdoar supõe que tenhamos julgado e condenado.

Claro que o ideal seria
nem julgar nem condenar,
mas é evidente que, se nos metemos a julgar,
é grande interno perdoar.

Perdoar e esquecer, pois,
quem não esquece, quem guarda,
não perdoou de verdade.

Verbo lindo, lindíssimo,
que muitos pensam que sabem conjugar
e raros conjugam de verdade
é dialogar.

Quantas vezes duas pessoas
dão a impressão de estar dialogando
e apenas estão em monólogos paralelos.

Quando uma pessoa fala,
a outra nem escuta direito,
fica só aguardando a brecha para falar,
sem também ser muito ouvida.

Um dos verbos mais humanos,
mais profundos e mais necessários
à paz do mundo, é compreender.

Na oração de São Francisco,

chegamos a pedir:
 “O Mestre, fazei que eu procure mais,
 compreender do que ser compreendido.”
 Nós todos gostamos de ser bem compreendidos,
 como ganharíamos em passar
 por este mundo compreendendo!

Quanto mais se alargar a nossa compreensão,
 quanto menos limites cortem
 o caminho da nossa compreensão,
 mais perto estaremos de grande paz interior.
 Amar é o verbo em que Cristo resumiu
 todos os nossos deveres
 como criaturas humanas e filhos de Deus.
 quem passar por este mundo
 amando a Deus e amando o próximo,
 quem passar por este mundo amando,
 mas amando de verdade,
 é Santo, é Santa.

Santo Agostinho chegou a dizer:
 “Ama e faze o que quiseres.”
 Claro que o Santo se referiu ao verdadeiro amor,
 e quantas vezes a pessoa pensa que ama
 e apenas se ama.
 Repararam na caminhada linda
 que há dentro do verbo rezar?
 Há quem só saiba rezar para pedir.

Deus nos entende,
 ele nos conhece mais do que nós nos conhecemos.
 Ele sabe como somos frágeis e necessitados de ajuda,
 só que alguns, quando pedem,
 sem nem saber ao certo o que pedem,

vemos tão pouco e tão mal.
Pedem exigindo e aí de Deus
se não dê o que eles ou elas pedem,
rompem com Deus.

Pedir, sim, mas deixando a decisão final
a Deus, que é pai.
E que mesmo quando parece distante,
sem vermos nem ouvirmos,
mesmo quando na aparência não nos atende,
nunca deixa sem resposta
um grito que venha do mais íntimo do nosso íntimo.
Mas rezar é também pedir perdão,
e quem não precisa de perdão e misericórdia?
Rezar é também agradecer.

E são tão poucos os que se lembram de agradecer,
mas rezar adquire toda a sua grandeza e beleza
quando rezar é também adorar,
experimente procurar lugares calmos,
solitários e belos,
experimente chegar em horas como madrugada
ou o pôr do sol.
Experimente colocar-se diante de Deus
e dize-lhe com a maior sinceridade:
“Pai, não venho pedir nada,
venho apenas dizer que vivo de alegria
porque tu existes, e és Deus, e és Pai.”
Isto é adorar.

REFERÊNCIAS

- ANCILLI, Ermanno; TERESIANUM, Pontifício Instituto de Espiritualidade (orgs). **Dicionário de espiritualidade**. Trad. José Raimundo Pinto de Melo, Silva Debetto C, Reis, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Ed. Loyola: Paulinas, 2012.
- ANTIOQUIA, Inácio de. **Cartas de Santo Inácio de Antioquia: Comunidades Eclesiais em Formação**. Petrópolis. Editora Vozes, 1970.
- BERNARD, Charles André. **Introdução à Teologia Espiritual**. São Paulo. Loyola, 2014.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Coordenação Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo, Ana Flora Anderson. Tradução Euclides Martins Balancin *et al.* São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Clodovis. **Experiência de Deus e outros escritos de espiritualidade**. São Paulo. Ed. Paulus, 2017. Coleção Vida consagrada.
- BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a Transparência de Todas as Coisas**. Rio de Janeiro. Ed. Verus, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: mínima sacramentalia**. 29ª ed. – Petrópolis, Ed. Vozes, 2015.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, nº19, 2002.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das Maravilhas**. São Paulo: Via Leitura, 2024.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. *In. Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo hoje*. 22ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1991, p. 143-256.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. *In. Decreto Ad Gentes: Sobre a atividade missionária da Igreja*. 22ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994, p. 351-399.
- COSTADOAT, Jorge. **La Historia como “Lugar Teológico” en la Teología Latinoamericana de la Liberación**. *In: Perspectiva Teológica: A alegria no mundo: alegria e esperança*. Belo Horizonte, v. 47. n. 132. p. 179-202, mai/agos. 2015.
- DICIONÁRIO TERMOS DA FÉ**. Ed. Perpétuo Socorro. 1995.
- ECKHART, M. **Sermões alemães, I**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FIORES, Stefano de; Goffi Tullo (orgs). **Dicionário de Espiritualidade**. Trad. Da edição espanhola, adaptada por Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1993.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Fratelli tutti*, todos irmãos: sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo. Loyola, 2020.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual**. São Paulo. Paulus, 2018.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald. **As três idades da vida interior – Tomo I**. 3ª ed. São Paulo: Cultor de livros, 2023.

_____. **As três idades da vida interior – Tomo II**. 3ª ed. São Paulo: Cultor de livros, 2023.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis, Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2ed. Ampliada. Petrópolis, Vozes, 2017.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. 2009.

KIERKEGAARD, Soren A. **O conceito de angústia**. Petrópolis, Vozes, 2015.

LÉVINAS, Emmanuel. **Deus, a morte e o tempo**. Coimbra: Almedina, 2003b.

MACHADO, José Adeildo Pereira. **A paz desejada e a paz possível**. In: SOUZA, Ney de. De esperança em esperança. Notas sobre a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. São Paulo: Ed. Pluralidades, 2024, p. 223-250.

MANZATTO, Antonio. **Fundamentos Teológicos da *Gaudium et Spes***. In: Revista de Cultura Teológica. São Paulo, Paulinas. n. 68. p. 75-92, jul/dez. 2009.

MENDONÇA, José Tolentino. **O tesouro escondido: para uma busca interior**. São Paulo: Paulinas, 2012. – (Coleção dádivas do infinito)

MORAES, Karolayne M. V. C. de. **Da recepção à negação: uma análise do fundamentalismo como negação dos sinais à luz da *Gaudium et Spes***. In: SOUZA, Ney de. De esperança em esperança. Notas sobre a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. São Paulo: Ed. Pluralidades, 2024, p. 31-48.

OLIVEIRA, T. A. **Considerações Sobre o Fundamentalismo Religioso a Partir da Crítica Freudiana à Religião**. Revista Subjetividades, v. 21, n. 2, ago. 2021, p. 1-12.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2015.

PIENDIBENE, D. R. **O desafio hermenêutico da *Gaudium et Spes***. Revista Encontros Teológicos, v. 28, n. 1, p. 97-136, 2013.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição**. 2ª ed. – São Paulo: Planeta, 2016.

RIVAS, Luiz Heriberto. **Pablo y la Iglesia– Ensayo sobre “las eclesiologías” Paulinas**. 1ª ed. Editora Claretiana. Buenos Aires, 2008.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Dicionário enciclopédico das religiões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SCIADINI, Frei Patrício. **A pedagogia da Direção Espiritual**. São Paulo. Ed. Loyola, 2015.

SILVA, A. W. C.; JUNIOR, D. V. **A pessoa humana e as bases reflexivas da sua dignidade, segundo o pensamento de João Paulo II**. In: Revista de Cultura Teológica. São Paulo, Paulinas. v. 18. n. 70. p. 111-129, abr/jun. 2010.

STANLEY, Rosner; HERMES, Patricia. **O ciclo da autossabotagem**. Trad. Eduardo Rieche. 24ª ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2020.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente**. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 1991.

ZACCARIA, Santo Antônio Maria. **Escritos (cartas, sermões e constituições)**. 2ªed. Belo Horizonte: FUMARC, 2011.

Bento XV. **Carta Apostólica *Maximum Illud* do Sumo Pontífice Bento XV aos Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos do Mundo Católico sobre a atividade desenvolvida pelos missionários no mundo**. Disponível em: [Maximum illud \(30 de novembro de 1919\) | BENTO XV](#). Acesso em: 12 mar. 2025.

BENTO XVI. **Homília do Papa Bento XVI: Por ocasião da Beatificação do Servo de Deus João Paulo II**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf_ben-xvi_hom_20110501_beatificazione-gpii.html. Acesso em: 20 mar. 2025.

CARLI, Vitória Bertaso Andreatta de. **A Espiritualidade laical e sua índole secular à luz do Concílio Ecumênico Vaticano II: A Santidade no Cotidiano**. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/18544/1/000500715-Texto%2Bcompleto-0.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.

DOM HÉLDER CÂMARA. **Verbos Prediletos**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TNU8buGPO_I. Acesso em: 26 de mar. 2025.

FERRAZ, Crystiano Gomes; RANGEL, Dian Henriques. **Para uma Espiritualidade do Encontro: uma Proposta de Espiritualidade Cristã a partir das Encíclicas do Papa Francisco**. Disponível em: revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/download/52118/40205?inline=1. Acesso em: 29 de out. 2024.

FRANCISCO. **Alegrai-vos - Carta Circular aos Consagrados e Consagradas. Do Magistério do Papa Francisco**. 2014. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20140202_rallegratevi-lettera-consacra-ti_po.html. Acesso em: 01 de dezembro de 2023.

PAPA FRANCISCO. AUDIÊNCIA GERAL – **Catequeses. Os vícios e as virtudes. 17. A Fé.** Disponível em: [Audiência Geral de 1º de maio de 2024 - Catequeses. Os vícios e as virtudes. 17. A fé | Francisco](#). Acesso em: 06 de junho de 2024.

FRANCISCO. **Intenção de oração do Papa Francisco para o mês de março de 2021.** Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-03/intencao-oracao-do-papa-francisco-marco-sacramento-reconciliacao.html>. Acesso em: 20 de abril de 2024.

João Paulo II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis no termo do Grande Jubileu do Ano 2000.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 12 mar. 2025.

LESTINGE, Sandra Regina. **Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento.** 2004. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-03022005-155740/publico/sandra.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

MENESES, R. D. Borges de. **Teologia Aplicada. O Bom Samaritano (Lc 10,25–37): pelo Caminho da Principiologia.** Revista de Cultura Teológica, PUC-São Paulo, n. 61, p. 09-31, out./dez. 2007. Disponível em: [Vista do Teologia Aplicada. O Bom Samaritano \(Lc 10,25–37\): pelo Caminho da Principiologia](#). Acesso em: 24 de out 2024.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. **Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco: uma reforma a partir de dentro da Igreja.** Revista de Cultura Teológica, PUC-São Paulo, v. n. 98, p. 35-66, jan./abr. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/49081553/Linhas_for%C3%A7a_da_espiritualidade_do_Papa_Francisco_uma_reforma_a_partir_de_dentro_da_Igreja. Acesso em 02 de set 2024.

SILVA, A. W. C; TEIXEIRA, C. **ECLESIOLOGIA DO VATICANO SEGUNDO.** RevEleTeo. Jun/dez 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/4357/2945>. Acesso em: 27 ago. 2024.